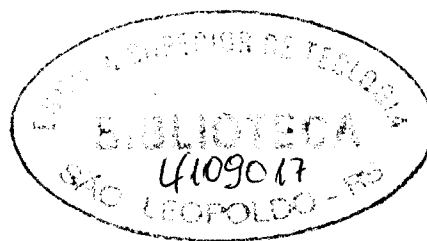


**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSU ÉTICA, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO**

GECIONNY RODRIGO PINTO DE SOUZA

**A CRISE DO ANGLICANISMO ENTRE MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE:
O CASO DA DIOCESE ANGLICANA DO RECIFE**

LS 302



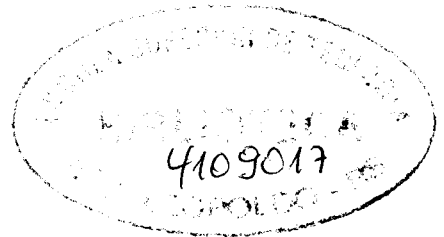
**Natal/RN
2009**

GECIONNY RODRIGO PINTO DE SOUZA

**A CRISE DO ANGLICANISMO ENTRE MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE: O
CASO DA DIOCESE ANGLICANA DO RECIFE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
Requisito para obtenção do título de especialista na
Pós-graduação *lato sensu* em Ética, Subjetividade e
Educação pela Escola Superior de Teologia
(EST/RS), tendo como orientador o Prof. Ms. Anaxuel
Fernandes.

LS 302



Natal/RN
2009

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo, em primeiro lugar, a minha esposa Jailza Silva do Nascimento que comigo compartilha a vida e o amor há dez anos, em segundo a família Pinto, como um todo. Em especial a minha querida mãe (*in memorian*) Lindacy Lima Pinto e ao meu pai Gecival Ferreira da Silva(*in memorian*).

Ao meu Bispo e Pai em Deus, Dom Sebastião Armando Gameleira, da Diocese Anglicana do Recife, clérigos (especialmente aos Revdos Rodson, Israel, Félix e Jorge Aquino), ao Teólogo Welington Pinheiro, ao Ministro Pastoral Izaías e a todos os leigos(as) das Comunidades Anglicanas de Natal-RN.

AGRADECIMENTOS

"Dêem graças a Deus, o Senhor, porque ele é bom" (Salmo 118:29)

A Santíssima Trindade, que é sem dúvidas a razão maior do meu existir; sua força encorajadora me ilumina para enfrentar desafios de cabeça erguida.

A todos os professores da Especialização da EST/STP, de forma especial a minha orientadora Prof. Ms Anaxuell, que desde o início da pesquisa até a conclusão sempre me incentivou e acreditou no meu potencial acadêmico, ao Prof. Dr.Valério, ao Prof. Dr. Orivaldo Pimentel e ao Prof. Ms. Jean, pelo apóio acadêmico e também aos meus amigos e colegas de classe que me incentivaram durante esta jornada.

A meus colegas e amigos da EST/STP que, ao longo do curso, caminharam juntos comigo, trocando idéias e estudando, a fim de realizarmos nosso grande objetivo: sermos especialistas. Em especial aos meus amigos Marcos, Célio e Leonardo que, com alguns deles, desde o primeiro ano, estamos juntos, desenvolvendo atividades no compartilhamento do conhecimento.

Aos Professores de Teologia: Pr.Gilberto Pinheiro(STP),Cônego Zé Mário e Irmã Lúcia(SSP) e Rev.Airton e Enoque Jr.(STEN) e Richard Femmer(SAET) e ao filósofo Avelino Neto. Não poderia deixar de agradecer à Professora Iracema Cristina pela correção ortográfica.

E a todos que colaboraram de forma anônima e indireta para a efetivação dessa pesquisa e não foram por mim citados ou lembrados.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso descreve uma breve releitura histórica do nascimento do Anglicanismo e da formação da Comunhão Anglicana, com a formação das correntes teológicas (tipologias) presentes na Igreja Anglicana e as primeiras tensões existentes entre elas. Procura estabelecer uma relação hermenêutica entre a Pós-Modernidade e a Comunhão Anglicana que mergulhou numa crise institucional, especialmente após a ordenação de mulheres e questões ligadas aos homossexuais (ordenação e matrimônio). Mostrarei as repercussões diretas ou indiretas na crise da Comunhão Anglicana na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. De forma especial, estudaremos os cismas ocorridos na Diocese Anglicana do Recife.

Palavras chaves: anglicana, crise, cisma, hermenêutica, Pós-Modernidade.

ABSTRACT

Conclusion this Course describes a brief historical re-reading of the birth of Anglicanism and the formation of the Anglican Communion, with the formation of theological currents (types) in the Anglican Church and the early tensions between them. It seeks to establish a relationship between hermeneutics post - modernity and the Anglican Communion that plunged into a constitutional crisis, especially after the ordination of women and issues relating to homosexuals (ordination and marriage). Show the direct or indirect impact on the crisis of the Anglican Communion in the Episcopal Church of Brazil, especially to study the schism occurred in the Anglican Diocese of Recife.

Keywords: Anglican crisis, schism, hermeneutics, post-modernity

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. ANGLICANISMO: UMA CASA DIVIDIDA?	12
3. COMUNHÃO ANGLICANA: UMA RISE SEM PROCEDENTES?	24
4. CISMAS ANGLICANOS NO RECIFE: ORTODOXOS X LIBERAIS?	43
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62
7. APÊNDICE.....	66
8. LISTA DE SIGLAS.....	70

1 INTRODUÇÃO

A minha biografia fez com que eu me interessasse profundamente por estudos na área de religião. Interesse muitas vezes ambíguo, pois de um lado a minha prática religiosa, como clérigo anglicano, e de outro meus estudos científicos me levavam a conclusões nem sempre fáceis de serem conciliadas no meu desenvolvimento intelectual. Esta é uma confiança que poderá ser usada para criticar meu trabalho, mas nem por isso deixarei de fazê-la por acreditar ser impossível a dissociação de forma plena da obra produzida por um pesquisador, de sua vida, ideologia e motivações, como afirmou WEBER (1991, p. 9):

A interpretação da ação deve tomar nota do fato fundamentalmente importante de que aquelas formações coletivas, que fazem parte tanto do pensamento cotidiano quanto do jurídico (ou de outras disciplinas), são representações de algo que em parte existe e em parte pretende vigência, que se encontram na mente de pessoas reais (não apenas dos juizes e funcionários, mas também do 'público') e pelas quais se orientam suas ações. Como tais têm importância casual enorme, muitas vezes até dominante para desenrolá-lo das ações das pessoas reais.

Minha aproximação com a presente temática surgiu das minhas leituras e observações feitas no mundo anglicano, sendo o meu objetivo principal fazer uma reflexão crítica sobre o Anglicanismo e não sua apologia e/ou divulgação.

Nesse sentido, se não é a "empatia" que garante a compreensão do objeto. Inversamente, não é o pesquisador não crente a garantia de maior objetividade com relação a um objeto religioso de estudo.

Com a presente pesquisa, buscaremos fazer uma análise panorâmica do atual contexto da Comunhão Anglicana (Conjunto de Igrejas ligadas à Igreja da Inglaterra), tendo como ponto de partida o processo de formação das tipologias anglicanas, passando pela crise na pós-modernidade e terminando com uma

avaliação sobre a Diocese Anglicana do Recife dentro do contexto da IEAB (Igreja Episcopal Anglicana do Brasil).

Pesquisar sobre o Anglicanismo no Brasil é profundamente paradoxal, pois, apesar de termos uma considerável exposição midiática pelo fato da importância da Igreja no mundo, sendo primeira enquanto famílias de igrejas unidas, a segunda em número de países em que está presente e a terceira em número de seguidores, a Igreja Anglicana ainda é desconhecida para a maior parte do povo brasileiro, inclusive para os acadêmicos que pouco a pesquisam.

O Anglicanismo é um fenômeno sócio-histórico sui generis, fruto de um contexto específico na Inglaterra, antes da chegada da Igreja Católica Romana à Bretanha, durante a submissão da Igreja Celta ao Papado e no século XVI, num processo de rupturas e continuidades iniciado pelo Rei Henrique VIII e concluído pela rainha Elizabeth I. Sabemos que a conhecida Comunhão Anglicana surgiu posteriormente, fruto da expansão imperialista e missionária da Inglaterra pelo mundo nos séculos XVII, XVIII, XIX e XX.

A Igreja Anglicana, já na sua ruptura com a Igreja Católica Romana, assumiu características polêmicas ao permitir o então Rei e chefe político da Igreja, Henrique VIII, a contrair seis matrimônios.

Quanto à expansão do Anglicanismo pela África, a poligamia (casamentos de um homem com várias mulheres) foi permitida para os convertidos do Islamismo, rompendo ou relativizando a normatividade absoluta da monogamia pregada pelo Cristianismo tradicional. Contudo, as polêmicas iriam aumentar no século XX, com o início das ordenações de mulheres ao sacerdócio, e, no século XXI, com a ordenação de homossexuais não celibatários e com a bênção matrimonial para pessoas do mesmo sexo.

As polêmicas aumentaram em 2002, com a eleição e ordenação do primeiro bispo assumidamente homossexual da Comunhão Anglicana, o Reverendo Gene Robinson, da Diocese de *New Hampshire* nos EUA. E a elaboração de liturgia para bênção matrimonial entre pessoas do mesmo sexo na diocese de *New Westminster* no Canadá. Na presente pesquisa, não pretendemos estudar este comportamento humano, mas nos restringiremos a analisar os fatos e discursos pró e contra a ordenação e bênção matrimoniais de homossexuais dentro do anglicanismo mundial.

A Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB), além de ser fundada por missionários norte-americanos em Porto Alegre, em 1890, fazia parte da Província dos EUA até 1965, quando obteve sua autonomia, mas até hoje mantém parcerias com a Igreja Episcopal dos EUA.

É interessante notar que a crise institucional do Anglicanismo na Diocese Anglicana do Recife - DAR (formada pela região Nordeste desde 1976) teve início em 2002, mesmo ano da Sagração (ordenação episcopal) do Reverendo Gene Robinson na Igreja Episcopal dos EUA, quando da saída (I cisma do Recife) de um grupo significativo de fiéis liderados pelo Reverendo Paulo Gárcia (incluindo a maior parte de Catedral Anglicana da Santíssima Trindade) e filiação a Igreja Episcopal Carismática (Um cisma norte-americano de 1992).

A fragmentação da DAR em duas que se afirmam fiéis a Comunhão Anglicana e sem reconhecimento mútuo ocorreu em 2006 com o Bispo Robinson Cavalcanti. Considero esse processo como o “Grande Cisma do Recife”.

Com a presente pesquisa, pretende-se compreender melhor a crise do Anglicanismo em Recife, percebendo as contradições presentes nos discursos que procuravam justificar os cismas ocorridos. Recife foi uma das primeiras cidades a receber a presença dos anglicanos no Nordeste juntamente com Salvador, devido principalmente às atividades comerciais desenvolvidas no Porto destas cidades.

No decorrer da pesquisa, investigamos as origens plurais da Comunhão Anglicana como fonte de permanente tensão institucional interna e analisamos os subjetivismos presentes na atual crise da Comunhão Anglicana e ainda examinamos o processo de fragmentação institucional da Diocese Anglicana do Recife entre 2002 e 2006.

Minha pesquisa está inserida no campo da subjetividade e da ética, analisados a partir do paradigma da pós-modernidade, já que é nesse contexto que a religião cristã desenvolve sua hermenêutica acerca de temas morais como o homossexualismo.

O estudo do período (2002-2006) se constitui no processo de maior fragmentação institucional da Diocese Anglicana do Recife, com o estabelecimento de três catedrais e três bispos diocesanos distintos em uma mesma área eclesiástica.

Um dos principais conceitos explorados nesta pesquisa é o de pós-modernismo, que pode ser entendido com a ausência/relativização de valores e a busca pelo prazer, favorecendo uma reflexão que precisa ser avaliada em contra ponto à Modernidade, na qual o Anglicanismo emergiu como uma realidade institucional independente, sofrendo a influência do dogmatismo, do Protestantismo Confessional de um lado e do Catolicismo Tridentino do outro. Foi a época das certezas (dogmas teológicos) e das apologéticas (defesa da fé verdadeira). Nesse período, o Anglicanismo decretou seus 39 Artigos de Religião- TNAR (Confissão de Fé histórica da Igreja da Inglaterra).

No fundo, nossa intenção é saber em que medida o subjetivismo pós-moderno pode nos ajudar a compreender melhor os cismas anglicanos ocorridos na DAR.

No primeiro capítulo, faremos uma breve releitura história do nascimento do Anglicanismo e da formação da Comunhão Anglicana, com a formação das correntes teológicas (tipologias) presentes na Igreja Anglicana e as primeiras tensões existentes entre elas. No segundo, vamos estabelecer uma relação entre a pós-modernidade e a Comunhão Anglicana, que mergulhou numa crise institucional, especialmente após a ordenação de mulheres e homossexual não celibatária e bênçãos matrimoniais de pessoas do mesmo sexo. No último, mostraremos as repercussões diretas ou indiretas na crise da Comunhão Anglicana na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil e, de forma especial, estudaremos os cismas ocorridos na Diocese Anglicana do Recife.

2 ANGLICANISMO: UMA CASA DIVIDIDA?

Ao iniciarmos nossa breve análise, devemos estar conscientes de que toda sistematização ou corte histórico provoca indubitavelmente uma visão reducionista ou equivocada sobre uma realidade histórica, porque acaba por simplificar um complexo processo histórico.

Cabe-nos diferenciar a Igreja da Inglaterra da Igreja Anglicana, apesar de anglicana significar inglesa e hoje quando se diz Igreja da Inglaterra está se referindo a uma província da Comunhão Anglicana. A Igreja da Inglaterra é anterior a Igreja Anglicana que, enquanto instituição separada da Igreja Católica Romana, realmente surge no século XVI.

Contudo, a Igreja Anglicana surgida no século XVI herdou e preservou boa parte das tradições, estruturas, história e teologias provenientes da Igreja da Inglaterra, seja no período celta, seja no período católico romano.

Veremos, de forma bastante sintética, alguns aspectos da história da Igreja da Inglaterra anteriores à Reforma Anglicana. Vamos começar pela origem da Igreja da Inglaterra. Segundo o teólogo anglicano AQUINO (2000, p.15):

A origem da Igreja da Inglaterra não está associada ao trabalho oficial de missionários designados para esta missão específica, mas está ligado basicamente ao trabalho de mão-de-obra leiga que espalhou a fé cristã por onde passava.

Já no século VI, o trono papal foi ocupado por um homem chamado Gregório I, ou Gregório Magno, que tinha como preocupação a vocação missionária. Assim manda um monge com a missão de re-cristianizar a Inglaterra, após as invasões bárbaras. Esse monge era Santo Agostinho de Cantuária que não deve ser confundido com Santo Agostinho de Hipona. Segundo KICKNÖFEL (1995, p.19): “No outono de 597, Agostinho foi sagrado bispo da Inglaterra e no natal do mesmo

ano já teria convertido e batizado mais de 10 mil pagãos nas redondezas de Cantuária”¹.

Durante o período medieval, a Igreja da Inglaterra foi evoluindo numa ambigüidade motivada por fatores geográficos e políticos. De um lado, mesmo ligada a Roma, conservava características de independência e isolamento devido à sua posição geográfica (distante de Roma) e por seus reis quererem influência romana diminuída. De outro lado, os seus líderes, arcebispos de Cantuária e, principalmente, as ordens monásticas ali estabelecidas que lutavam para tirar a vida religiosa inglesa desse isolamento.

Um episódio que marcou a Igreja Inglesa foi o movimento desencadeado pelo professor da Universidade de Oxford, John Wyclif (1328-1384). O teólogo anglicano SILVA (1951, p.173) destaca a importância de Wyclif: “foram as linhas por ele traçadas que Henrique VIII, com consciência disso ou não, seguiu no século XVI”².

O seu exemplo e os seus ensinamentos influenciaram João Huss (1369-1415) e Jerônimo de Praga que continuou a obra de Huss e pereceu na fogueira em Constança, no ano de 1416.

As idéias luteranas³ não foram bem recebidas pelo rei, já que percebemos que Henrique VIII, nos primeiros tempos do seu governo, mostrou-se zeloso pela fé católica romana. Em 1521, contra a obra de Lutero sobre “O Cativo Babilônico” escreveu uma “Afirmação dos Sete Sacramentos”, que lhe valeu do Papa Leão X o título de “Defensor da Fé”. Como afirma o historiador católico PIERRARD (1982, p.176):

O caso da Grã- Bretanha é particular. Na Inglaterra onde a idéia de uma Igreja de Estado já era familiar, Henrique VIII havia tomado, desde o início do seu reinado, a iniciativa de uma reforma disciplinar, aliás, bastante hostil ao luteranismo.

A motivação para o rompimento do rei Henrique VIII pode ter sido majoritariamente política e pessoal, mas também já existia um debate teológico, pois

¹ Cantuária é a sede espiritual da Comunhão Anglicana, por ter a cátedra do Arcebispo de Cantuária e por ser a primeira igreja da Comunhão Anglicana historicamente constituída.

² A Teologia de Wyclif foi uma das bases da reforma anglicana e negava a autoridade papal e questionava o dogma da transubstanciação da hóstia durante a missa, as indulgências e as relíquias.

³ Refere-se as idéias defendidas pelo monge agostiniano Lutero que defendeu a salvação pela graça, condenou a venda de indulgências e incentivou a leitura da Bíblia pelos leigos. Após ser excomungado acabou organizando a Igreja Luterana, que passou a ser denominada genericamente de protestante.

ano já teria convertido e batizado mais de 10 mil pagãos nas redondezas de Cantuária”¹.

Durante o período medieval, a Igreja da Inglaterra foi evoluindo numa ambigüidade motivada por fatores geográficos e políticos. De um lado, mesmo ligada a Roma, conservava características de independência e isolamento devido à sua posição geográfica (distante de Roma) e por seus reis quererem influência romana diminuída. De outro lado, os seus líderes, arcebispos de Cantuária e, principalmente, as ordens monásticas ali estabelecidas que lutavam para tirar a vida religiosa inglesa desse isolamento.

Um episódio que marcou a Igreja Inglesa foi o movimento desencadeado pelo professor da Universidade de Oxford, John Wyclif (1328-1384). O teólogo anglicano SILVA (1951, p.173) destaca a importância de Wyclif: “foram as linhas por ele traçadas que Henrique VIII, com consciência disso ou não, seguiu no século XVI”².

O seu exemplo e os seus ensinamentos influenciaram João Huss (1369-1415) e Jerônimo de Praga que continuou a obra de Huss e pereceu na fogueira em Constança, no ano de 1416.

As idéias luteranas³ não foram bem recebidas pelo rei, já que percebemos que Henrique VIII, nos primeiros tempos do seu governo, mostrou-se zeloso pela fé católica romana. Em 1521, contra a obra de Lutero sobre “O Cativo Babilônico” escreveu uma “Afirmação dos Sete Sacramentos”, que lhe valeu do Papa Leão X o título de “Defensor da Fé”. Como afirma o historiador católico PIERRARD (1982, p.176):

O caso da Grã- Bretanha é particular. Na Inglaterra onde a idéia de uma Igreja de Estado já era familiar, Henrique VIII havia tomado, desde o início do seu reinado, a iniciativa de uma reforma disciplinar, aliás, bastante hostil ao luteranismo.

A motivação para o rompimento do rei Henrique VIII pode ter sido majoritariamente política e pessoal, mas também já existia um debate teológico, pois

¹ Cantuária é a sede espiritual da Comunhão Anglicana, por ter a cátedra do Arcebispo de Cantuária e por ser a primeira igreja da Comunhão Anglicana historicamente constituída.

² A Teologia de Wyclif foi uma das bases da reforma anglicana e negava a autoridade papal e questionava o dogma da transsubstanciação da hóstia durante a missa, as indulgências e as relíquias.

³ Refere-se as idéias defendidas pelo monge agostiniano Lutero que defendeu a salvação pela graça, condenou a venda de indulgências e incentivou a leitura da Bíblia pelos leigos. Após ser excomungado acabou organizando a Igreja Luterana, que passou a ser denominada genericamente de protestante.

ao pedir a anulação do seu casamento, fundamentava-se num erro de sua validade, dado que a dispensa (permissão) concedida por Júlio II em 1503 era contrária ao texto do Levítico cap. 18, versículo 16 e cap. 20, versículo 21, que proibia a união desse gênero. O papa acabou por delegar os cardeais Wolsey e Campeggio para o julgamento da causa do rei na Inglaterra.

O historiador católico latino-americano MATOS (1995, p.48) afirmou: “É um erro histórico atribuir o rompimento com Roma, por parte da Igreja da Inglaterra, apenas às “paixões” de Henrique VIII (1491-1547)”.

O bispo Fisher, advogado da rainha, sustentava a validade do casamento real, inferindo da lei do Levirato⁴ expressa em Deuteronômio cap. 25, versículo 5 e Mateus cap. 22, versículo 24.

Em 1534, ocorre o Ato de Dispensa, pelo qual o rei Henrique VIII proibia todo o clero de apelar para Roma e afirma que o Arcebispo de Cantuária e seus sucessores terão todo o poder e autoridade para conceder tudo o que antes estava reservado ao Papa.

Aqueles que recusaram o cisma⁵, como o Bispo John Fisher e o leigo Thomas More, sofreram a morte ou aceitaram as consequências do exílio por adesão ao Papa. Por outro lado, o partido reformador chefiado por Thomas Cromwell publicou em 1526 e 1538 as imposições reais, que condenava as superstições papistas e impunha o uso da Bíblia, em inglês, em cada igreja.

O grande papel de Henrique VIII para a Reforma Anglicana foi o rompimento político com Roma, mas teologicamente a Igreja não tinha assimilado as idéias básicas da Reforma Religiosa. Como confirma o historiador católico romano COMBY (1994, p.26):

Contudo, Henrique VIII mantém o essencial: a fé católica (Os Seis Artigos de 1539). Favoráveis à minoria do jovem rei Eduardo VI (1547-1553), as idéias calvinistas se insinuam no *Book of Common Prayer* (Livro de Oração Comum⁶ de 1549) e nos Quarenta e dois artigos⁷ (1552).

⁴ Era a lei que permitia o casamento de um irmão com a cunhada para garantir descendência do irmão.

⁵ Chama-se cisma uma divisão institucional sem alteração das características teológicas básicas, mas fundada em aspectos secundários.

⁶ É uma importante fonte da Teologia Anglicana que se baseia no princípio patrístico de que : “ a fé que rezamos é a fé que professamos”.

⁷ Foi uma importante confissão de fé anglicana de tom marcadamente protestante, que acabou sendo reduzido para os Trinta e Nove Artigos de Religião, que hoje só é obrigatório para os clérigos anglicanos ingleses como uma referência histórica e não teológica.

No reinado de Eduardo VI foi possível a elaboração de uma legislação que favorecesse claramente os partidários da Reforma. Com a morte de Eduardo IV (1553), sobe ao trono sua irmã Maria Tudor (1553-1558), profundamente católica romana, consegue reconciliar a Igreja Anglicana com Roma.

Em 1558, sobe ao trono Elizabeth I (1558-1603), que em menos de um ano aprova no parlamento dois atos que caracterizarão daí pra frente a Igreja Anglicana: com o primeiro a rainha se declarava 'suprema regente' da Igreja e do Estado e impunha como único livro oficial de culto o Livro de Oração Comum - LOC (1559).

Os puritanos⁸ queriam 'purificar' a Igreja Anglicana tirando todos os 'trapos do papado'. Para eles, o Livro de Oração Comum de 1559, fruto da ação de Elizabeth I, que para eles estava eivado de papismo e infidelidade às Escrituras.

Aos adversários da posição anglicana, católicos ou puritanos, responderam dois insígnies teólogos anglicanos: John Jewel e Richard Hooker⁹.

A Reforma Anglicana estava consolidada, apesar das futuras pressões puritanas que seriam dirimidas de uma vez por todas com a Revolução Gloriosa (1688). Somente depois de consolidado o anglicanismo terá condições de iniciar sua expansão pelo mundo e criar as bases para o estabelecimento da Comunhão Anglicana.

Como vemos com MACQUARRIE *apud* LACOSTE (2004, p.124):

O anglicanismo nunca se considerou como uma seita que data do século XVI. Continua sem ruptura a Ecclesia anglicana fundada por Agostinho de Cantuária há mais de treze séculos, mesmo se hoje esse ramo da Igreja transborde muito além das fronteiras da Inglaterra.

É importante perceber que o conceito de ruptura não é necessariamente contrário ao conceito de continuidade. O fato da Reforma representar uma ruptura com o papado não significa que a Igreja da Inglaterra virou uma seita protestante no sentido sociológico. Vemos também que a Igreja foi se expandindo para além das fronteiras nacionais, através de missões colonizadoras ou migrações. O autor afirma ainda que:

Não havia ainda uma organização formal entre as Igrejas, que surgiram das Ilhas Britânicas, mas tudo indica que a troca de

⁸ O termo puritano passou a ser aplicado genericamente a todos que insistem na moralidade ou pureza cristã acima de qualquer outro aspecto.

⁹ Escreveu *Apologia Ecclesiae Anglicanae* (1562), tornou-se numa defesa da Igreja Anglicana e de seu catolicismo, baseado nas Escrituras e nos Padres da Igreja dos seis primeiros séculos

experiências era frutífera, principalmente na área da organização sinodal da Igreja, que inclui o laicato.¹⁰

Como vimos, a estrutura administrativa da Comunhão Anglicana foi surgindo e se desenvolvendo aos poucos, à medida que ia se tomando consciência de que o Anglicanismo não era somente a religião oficial da Inglaterra, mas também uma Igreja multinacional, multiétnica e multicultural. E que no início herdou o clericalismo da Igreja Católica Romana, só permitindo a participação dos leigos e leigas nas decisões eclesiais no século XX.

Segundo LACOSTE (2004, p.124) “Anglicanismo aparece pela primeira vez em inglês em 1838 na pena de Newman, mas se encontra a palavra em francês desde 1801”.

Quando LACOSTE fala em Anglicanismo, não se está falando ainda da Comunhão Anglicana, que é uma criação posterior, mas do conjunto de crenças e práticas de cristãos que estão em plena comunhão com a sede de Cantuária, se distinguindo, desta forma, de outras confissões cristãs.

TAKATSU (s/d, p.2) afirma que:

No interior da Comunhão Anglicana há, pelo menos, três movimentos que influíram direta ou indiretamente nas Igrejas que vieram expressar como a Comunhão Anglicana, aos quais devemos fazer breves referências: evangélico, católico e liberal.

A concepção de síntese entre o catolicismo romano e o protestantismo continental ficou conhecida com Via Média. De fato, no início tínhamos apenas o partido católico e o partido protestante, que representavam aspectos políticos, culturais, sociais e econômicos.

Sabemos que o restabelecimento do Anglicanismo se deu com a Revolução Gloriosa e a aceitação de Guilherme de Orange (calvinista) casado com Mary (anglicana devota). Contudo, a Igreja era formada pela aglutinação de partidos eclesiais: Anglo – católico (*High Church* – Igreja Alta), evangélico (*Low Church* – Igreja Baixa) e Liberal (*Broad Church* - Igreja Larga).

O movimento evangélico anglicano de Charles e John Wesley, herdeiro dos puritanos, apesar de não serem calvinistas (não aceitaram a predestinação e sim o livre arbítrio humano), que em seus desdobramentos daria origem ao metodismo,

¹⁰ A palavra deriva de Leigos que vem de “Laos”, ou seja, d o povo. Foi uma forma de distinção do clero que ocorreu no processo de desenvolvimento institucional da Igreja Cristã.

que deve ser entendido dentro do contexto da expansão capitalista da sociedade inglesa no século XVII. TAKATSU (s/d, p.7) interpreta este movimento como um protesto contra:

A frivolidade e dissipação, esbanjamento, consumismo da sociedade do século XVII. Contra o mundanismo aberto da Igreja e a pobreza teológica. Eram puritanos, interessados mais na conversão pessoal.

Como uma forma de oposição ao liberalismo anglicano, ressurgiu com toda força o movimento Anglo-católico, conhecido como “Movimento de Oxford” ou Panfletários (Tractarianos, aqueles que faziam tratados). Surgiu em 1833 quando John Keeble proferiu seu discurso sobre a Apostasia Nacional na universidade, que era o centro do pensamento anglicano conservador.

TAKATSU (s/d, p.10), assim caracterizou o movimento:

Teceu críticas aos estadistas cristãos que, influenciados pela opinião pública, estavam legislando contra a Igreja. Afirmava que a Igreja merecia respeito não como uma instituição nacional, mas como um instrumento da vontade divina.

O que é importante para além de toda controvérsia com o Estado no Movimento de Oxford é o fato de que este movimento enfatizava a idéia de Catolicidade da Igreja Anglicana, defendendo que a administração eclesiástica deveria ser feita pelos bispos, legítimos sucessores dos apóstolos. Notemos que tanto o movimento evangélico como o movimento anglo-católico estavam reagindo de forma conservadora contra a influência do mundo na Igreja e contra os teólogos liberais em diálogo com as ciências. Depois teremos católicos liberais e evangélicos liberais.

O que de fato percebemos antes da 1ª Conferência de LAMBETH (1867) é que eles não tinham uma visão crítica sobre a Bíblia e as instituições sem compreender que a Revelação divina é mediada historicamente e sociologicamente condicionada.

TAKATSU (s/d, p.11) nos informa sobre o impacto da obra de Darwin, *Origem das Espécies* (1859):

Esta obra pôs muitos clérigos em grande agitação. Pois a Teoria da Evolução colocou em dificuldade a leitura não poética do Livro de Gênesis ou da primeira cláusula do Credo (Creio em Deus Pai Criador do céu e da terra). Na visão deles a obra de Darwin diminuiu o espaço para milagres.

Sabemos que, a partir daí, a polarização entre os literalistas e os alegoristas acabaram se desdobrando entre aqueles que acreditam na Bíblia e aqueles que acreditam na Ciência. Até mesmo um Bispo, J.W. Colenso, da Diocese de Natal na África do Sul, passou a dizer que a Bíblia não era a Palavra de Deus, mas que a Palavra de Deus poderia ser ouvida através desta.

TAKATSU (s/d, p.12) aponta o desfecho desta questão:

Colenso foi censurado e deposto.[...] Houve não só debates e controvérsias, mas movimentos para revogar a deposição dele. Para revogá-la, era preciso que houvesse um tribunal superior de apelação acima do tribunal da Província do Sul da África.[...]. Para se ter um tribunal superior de apelação seria preciso um organismo legislativo superior aos sínodos gerais das Igrejas da Comunhão Anglicana. Após muita troca de correspondência entre os bispos e o Arcebispo de Cantuária, chegou-se a conclusão de que não haveria um Sínodo Geral da Comunhão Anglicana, mas sim uma Conferência dos bispos diocesanos.

Alguns aspectos são importantes para a compreensão da transição do Anglicanismo, enquanto ramo da Igreja Inglaterra presente em outros países para a formação da Comunhão Anglicana, que se constitui num conjunto de igrejas autônomas em comunhão histórica e simbólica com a Igreja da Inglaterra.

Vejamos o caso da Igreja Episcopal - TEC (Antiga Igreja Episcopal Protestante dos Estados Unidos), como uma primeira tentativa de adaptar-se a uma nova situação pós-colonial. TAKATSU (s/d, p.13) mostra que:

Devido à independência dos Estados Unidos, o comportamento da Igreja em relação ao Estado tinha que ser outro. Os fundadores dos Estados Unidos não pensavam numa Igreja oficial. Havia muitas Igrejas em ação. Além disso, entre os anglicanos havia clérigos fieis ao Rei da Inglaterra. Muitos deles voltaram à Inglaterra ou migravam para o Canadá. Por outro lado, havia membros da Igreja Anglicana entre os fundadores da República. O primeiro presidente, George Washington, era membro fiel da Igreja Episcopal.

Podemos perceber o dilema ético, político e religioso presente nos atores sociais envolvidos neste processo histórico. De um lado a sua relação com a Igreja da Inglaterra, de outro sua rejeição a autoridade política da Inglaterra, autoridade esta que, por sua vez, interfere na Igreja nacional.

Além destes conflitos ideológicos, existia uma série de questões hierárquicas, litúrgicas e da administração eclesiásticas que causaram tensão na transição do Anglicanismo para a formação de uma Igreja Autônoma da Comunhão Anglicana. TAKATSU (s/d, p.13) resumiu os conflitos nos seguintes termos:

Os bispos da Inglaterra não estavam dispostos a ordenar americanos para o episcopado. Como poderiam eles ordenar clérigos considerados rebeldes do ponto de vista dos ingleses? Assim, o primeiro bispo foi sagrado pelos bispos escoceses em Aberdeen, em 1784. Em muitos pontos a nova Igreja aceitou o Livro de Oração Comum inglês. É claro que, desde o início, foi exigido da Igreja o exercício da distinção entre o essencial e não essencial.[...] Orar pelos reis não era essencial. Isso foi substituído por uma oração pelo povo, pela nação e por aqueles que exercem todos os tipos de autoridade e trabalham pelo povo.

Sabemos que a partir daí os bispos passaram a ser eleitos por suas dioceses, tanto pela representação clerical como pelos leigos. Qualquer bispo diocesano pode ser eleito Primaz, ou seja, primeiro entre os iguais. TAKATSU (s/d, p.14) expressa que:

O espírito de “primeiro entre os pares”, isto é, aquele que governa a Igreja com seus irmãos bispos, presbíteros e leigos vem, também, da tradição do Arcebispo de Cantuária. Esse espírito está expresso num documento de 1842 que diz que não agirá contra a maioria de seus irmãos. Trata-se do espírito de consulta e colegialidade.

Atualmente, em meio à crise da Comunhão Anglicana que gira em torno da questão da sexualidade, muitos questionam o papel do Arcebispo de Cantuária, querendo aumentar seus poderes ou eliminando sua figura enquanto símbolo da unidade. Esse processo de busca de autonomia não se restringiu aos EUA, mas foi ocorrendo paulatinamente em todo o mundo, pois foi somente com a formação de Sínodos nacionais em cada província que pode ocorrer a Conferência (Lambeth) que, apesar de não ser um Sínodo Universal da Comunhão Anglicana, apresenta as proposições da maioria dos anglicanos.

Segundo o teólogo anglicano CALVANI (2008, p. 5) “a recusa da 1ª Conferência de Lambeth de estabelecer-se como sínodo aponta para algo muito positivo em nosso mito de origem: o fato de que a verdadeira comunhão não necessita de instrumentos de legislação e supervisão institucional”. Percebemos que o teólogo anglicano tem uma visão idealizada de comunhão: talvez uma visão bíblica, ou seja, metafísica, que já não mais consegue dar conta da complexidade institucional do Anglicanismo.

O mesmo autor relaciona a Comunhão Anglicana com a modernidade:

[...] O pensamento moderno a tudo tentou catalogar e definir. A Teologia derivada desse otimismo redigiu várias confissões (Westminster, Fórmula de Concórdia, Augsburg, Sínodo de Dort, os 39 Artigos de Religião), todas pretendendo ser a definição

correta da fé.[...]o LOC talvez seja a maior expressão de modernidade litúrgica, mas as demais igrejas oriundas da reforma também tiveram manuais de culto semelhantes. (CALVANI, 2008, p. 6)

Este aspecto destacado pelo autor é interessante, já que a mentalidade do renascentista, posteriormente iluminista, seguia um racionalismo empirista que não deixou de ter a sua expressão religiosa: o protestantismo, que já surgiu na Academia na Alemanha. A teologia protestante é filha da lógica aristotélica do tomismo que Lutero tanto combater. Contudo, não devemos esquecer de que a base epistemológica do Anglicanismo é antiga e medieval, já que este procurou dar continuidade à fé católica primitiva estabelecida pelos ingleses.

Para CALVANI (2008, p. 9): “Para nós, anglicanos, que temos nossa identidade forjada nas tensões e contradições, a pós-modernidade representa uma promessa”. O próprio autor reconhece o risco real de fracionamento e realinhamento de províncias e dioceses por afinidades teológicas, litúrgicas, missionárias e educacionais, mas vê essa possibilidade mais viável do que construir instrumentos de fiscalização, coerção e repressão, forçando uma comunhão entre opostos.

Estas tensões que se referem CALVANI advêm do fato de que, ao longo do processo histórico exposto de forma sucinta anteriormente, foram formados verdadeiros tipos-ideais.

Uma das principais características do tipo ideal é o fato de que não corresponde à realidade, mas pode ajudar em sua compreensão, estabelecido de forma racional, porém com base nas escolhas pessoais anteriores daquele que analisa[...],fazendo oposição ao método comparativo dos positivistas como Émile Durkheim.¹¹

Segundo a concepção weberiana, de vários grupos como o anglo-catolicismo (Igreja Alta), evangelicalismo (Igreja Baixa), liberalismo ou progressismo (Igreja Larga) e carismatismo, que para alguns não se constitui em um tipo mais apenas uma variação dos demais.

No âmbito religioso, estas explicações são condizentes com o denominacionalismo. Com o enfraquecimento da modernidade (modernidade líquida ou pós-modernidade?), passamos para uma fase pós-denominacionalista, em que não cabem mais classificações, que serão usadas neste trabalho como recurso metodológico.

¹¹ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Tipo_ideal, s/d

Sebastião Armando Soares Gameleira, atual bispo da Diocese Anglicana do Recife/IEAB, afirma sobre estas tipologias que:

Anglicanismo é pluralismo e diversidade, mas não é paralelismo; é paróquia, mas não é justaposição de igrejas, e sim diocese, comunhão de igrejas locais, sob a presidência de um pastor, cujo ministério é facilitar essa mesma [...] Não é que algumas pessoas são católicas e outras protestantes. Todos temos que ser católicas e protestantes, ao mesmo tempo. (GAMELEIRA, s/d)¹²

Podemos ver que o autor é contra a classificação do Anglicanismo em tipologias paralelas. Reconhecemos que este é um recurso mais didático que empírico, já que não existe pessoa pura em termos de formação religiosa.

SPONG (2006, p.10), bispo anglicano dos EUA, considerado um dos maiores expoentes da teologia liberal, assim relata historicamente o desenvolvimento de uma teologia para um mundo pós-cristão. Ele relata:

Ele (John A.T. Robinson) buscou, através do seu livro "Honesto com Deus", fazer a ponte entre o academicismo cristão e as pessoas nos bancos das igrejas[...]. Ele, assim como eu, não se sentia confortável na "camisa de força" que o cristianismo parece nos impor de geração a geração.

Por isso, ele defende que:

Uma reforma radical e para se enfrentasse o fato de os conceitos e crenças pré-modernas nos dizerem menos ainda no final do século XX do que na época dele. (SPONG, 2006, p.12)

Vemos, nesta citação, que o autor estabelece a relação entre a sua compreensão teológica e os paradigmas modernos. Na verdade, ele defende um Cristianismo pós-moderno.

COELHO FILHO (2008, p. 4) entende que a Teologia Liberal pavimentou o caminho para a ordenação feminina e homossexual. Ele acredita que o que se discute hoje em nada é absolutamente novo, senão o refinamento do que já se pensava há décadas. Relaciona ainda a queda de tabus na sociedade com sua luta por direitos civis que permitiu a luta dos liberais para incluir tais minorias na igreja.

Segundo SOARES (2003, p.49):

¹² Disponível em: <http://www.dasp.org.br/codigos/iaet/apostilas/Apostila%20anglicanismo.doc> Acesso em 20/11/09.

Já a noção de “compreensividade”¹³ promana do fato de existirem na Igreja Anglicana várias correntes teológicas [...] Tais correntes são consideradas legítimas, no sentido de que não há um processo de expurgo de uma pelas outras: na instituição cabe todas elas”.

Esta foi uma concepção que predominou até que as polêmicas ultrapassassem os limites suportáveis por cada uma das correntes, o que acabou acontecendo quando se iniciou a discussão sobre sexualidade humana. Nesse sentido, dois aspectos são importantes: o primeiro é a idéia de que existe a inclusão, restrita aos aspectos secundários como a ordenação ou não de mulheres ao sacerdócio; e o segundo é a idéia de que a disputa quantitativa utiliza a expressão majoritária para se referir a corrente evangélica.

Segundo TROELTSCH *apud* SOARES (2008, p.29):

O tipo “seita” caracterizar-se-ia pelos seguintes atributos: a adesão à instituição religiosa é voluntária; o estilo de vivência da religiosidade é marcado pela necessidade de explicitude, intensidade e pelo rigorismo. O tipo “igreja”, por sua vez, caracterizar-se-ia pelo fato de objetivar o sagrado, acreditando que a instituição é detentora e portadora da graça da salvação. Também a “igreja” é inclusiva, bem como desenvolve uma grande capacidade de apropriação do “mundo exterior”.

Podemos entender que as correntes do Anglicanismo se aproximam do tipo seita, já que buscam uma adesão voluntária por meio da participação de encontros específicos para quem faz parte do grupo; a identidade busca ser explícita e pela ênfase na moralidade, como vemos, nos segmentos anglo-católicos e evangélicos.

Já a Comunhão Anglicana se aproxime do tipo igreja, já que institucionaliza o sagrado através dos sacramentos e, ao mesmo tempo, é inclusivista, acolhendo também elementos e demandas da sociedade no seio da comunidade eclesial, como, por exemplo, a emancipação feminina, que foi incorporada através da ordenação de mulheres ao sacerdócio.

O que teoricamente une estes “tipos-ideiais” ou correntes da Comunhão Anglicana é o chamado Quadrilátero de Chicago-Lambeth¹⁴, criado em 1880, estabelecendo que as Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento contêm todas as coisas necessárias para a salvação, como regra e última norma de fé. O

¹³ A Igreja Católica Romana também tem no seu seio várias correntes de pensamentos divergentes (Progressistas, tradicionalistas, carismáticos, etc.), apesar de todas estarem submissas a autoridade papal, o que dá o limite dessa compreensividade.

¹⁴ Estes pontos centrais da Comunhão Anglicana são amplos para abarcar tanto anglo-católicos, evangélicos, carismáticos e liberais, deixando espaço para uma hermenêutica subjetiva de cada um deles, ao contrário das confissões de fé do século XVI como os Trinta e Nove Artigos de Religião.

Credo Apostólico como símbolo batismal e o Credo Niceno como declaração suficiente da fé. Os dois sacramentos instituídos pelo próprio Cristo - o Batismo e a Ceia do Senhor - administrados com o uso exato das palavras da instituição de Cristo e com os mesmos elementos ordenados por ele e o episcopado histórico, adaptado localmente, nos métodos de sua administração, às diversas necessidades das nações e povos chamados por Deus à unidade de sua Igreja.

Além das marcas essenciais das Igrejas Anglicanas estabelecidas pelo Quadrilátero, foram sendo criados instrumentos universais de comunhão. Na Conferência de Lambeth de 1867 decidiu-se criar um corpo consultivo permanente que o seu desenvolvimento levou ao surgimento do Conselho Consultivo Anglicano (1968), que é formado por clérigos e leigos. Os primazes (presidentes das Igrejas Nacionais) passaram a se encontrar para tratar questões da Comunhão Anglicana.

Sobre a evolução e desenvolvimento da Comunhão Anglicana, assim se expressou o missionário anglicano no Brasil, Reverendo Richard Fermer(2008, p.10): “A evolução ou desenvolvimento da Comunhão Anglicana não deve ser visto como um sinal de fraqueza ou vergonha, questionando a legitimidade da Igreja”.

Realmente todas as Igrejas Históricas passaram por transformações ao longo dos séculos. Podemos citar o caso do catolicismo romano, que para chegar a burocratização institucional que possui atualmente, passou por um processo de aproximadamente dezesseis séculos e vinte Concílios.

A reverenda e teóloga anglicana norte americana ADAMS *Apud* FEMMER (2008, p.15), assim se expressou definindo a Comunhão Anglicana: “A Comunhão Anglicana tem sido uma federação de igrejas nacionais juridicamente independentes com ligações históricas com Cantuária”.

Atualmente, diante da necessidade de fortalecimento da Comunhão Anglicana, já não se fala que as igrejas nacionais (províncias) são independentes, mas interdependente pelo menos nos aspectos teológicos que ameaçam a unidade institucional do Anglicanismo.

3 COMUNHÃO ANGLICANA: UMA CRISE SEM PROCEDENTES?

No capítulo anterior, vimos o processo histórico de formação das tipologias principais do Anglicanismo, desde a Reforma à formação da Comunhão Anglicana. Neste capítulo, procuraremos analisar a emergência e os elementos presentes na crise mundial pela qual passa o Anglicanismo.

O Cristianismo, enquanto religião institucionalizada, passa por uma crise profunda, especialmente o segmento anglicano. Essa crise faz parte de uma problemática maior por que passa todas as instituições sociais na chamada pós-modernidade.

SANTOS (2008, p. 77) afirma que:

Como todas as situações são simultaneamente semicegas e semi-invisíveis, não é possível nomear adequadamente a presente situação. Por esta razão lhe tem sido dado o nome inadequado de pós-modernidade. Mas à falta de melhor, é um nome autêntico na sua inadequação.

É pertinente a observação do autor, já que a pós-modernidade é uma transição inacabada da modernidade, pois se de um lado muitos paradigmas modernos deixaram de existir, de outro lado, outros continuam firme e forte, sem nenhuma perspectiva de mudança em curto prazo.

Não existe uma unanimidade entre os teóricos se estamos ou não na pós-modernidade. Nem mesmo há acordo a respeito da denominação pós-modernidade. Alguns como Bauman preferem modernidade líquida, outros como Giddens modernidade tardia, modernidade reflexiva na expressão de Beck ou ainda super-modernidade segundo Auge.

MACGRATH (2005, p. 151), entende da seguinte forma a relação entre pós-modernidade e verdade:

Assim, ficará claro que há, no pós-modernismo, em relação às questões da verdade um intrínseco compromisso inicial de relativismo ou pluralismo. Usando o jargão do próprio movimento, é possível dizer que o pós-modernismo retrata uma situação em que o signifiante substitui o significado como núcleo de direção e valor.

Para o Cristianismo tradicional (aquele que defende os credos históricos e a Bíblia como Palavra de Deus, seja o catolicismo romano ou ortodoxo, o anglicanismo, o protestantismo histórico ou pentecostal) tanto a relativização como a aceitação do pluralismo de verdades é uma negação da fidelidade ao evangelho, pois, sem este núcleo central doutrinal, perde-se a essencialidade do evangelho, enquanto revelação de Deus em Cristo.

GRENZ (1997, p. 13) entende que o pós-modernismo

Implica, especialmente, uma rejeição da atitude mental moderna, embora tenha sido lançada no âmbito da modernidade. Portanto, para entender o pensamento pós-moderno, é preciso vê-lo no contexto do mundo moderno, que o deu à luz, e ao qual ele se opõe.

Este conceito é o que utilizamos ao longo do trabalho, por entendemos que atende bem sobre o fenômeno que ocorre nas sociedades pós - industrializadas do mundo ocidental.

BAUMAN (1998, p. 30), em sua definição, chama de “pós - moderno o tempo em que vivemos agora, na nossa parte do mundo (Ou antes, viver nessa época delimita o que vemos como a nossa parte do mundo)”. Podemos afirmar, utilizando as categorias da História, que se trata de um tempo histórico imediato local, ou seja, é o mundo com o qual temos contato real, ainda que utilizando os meios virtuais.

Devemos notar uma dimensão interessante destacada pelo autor: a temporal, isto é, a relação com o tempo. Por exemplo, na modernidade, poderia ser resumida ao máximo na expressão de Benjamin Franklin¹⁵ citado em WEBER (2004, p. 42): “tempo é dinheiro”. Já na pós-modernidade, tempo é relativo, podendo ser utilizado para as mais diversas atividades, além da acumulação de capital, como, por exemplo, o lazer, o culto ao corpo e a religiosidade, entre outros.

Uma das características da pós—modernidade é o pluralismo. VATTIMO (2004, p. 12) entende que isto é uma possibilidade de reencontro com a fé cristã, retomando a idéia de rejeição da atitude moderna com suas palavras: “Se Deus

¹⁵ Foi um dos líderes da Revolução Americana, conhecido por suas citações e experiências com a electricidade. Religioso, calvinista, é ao mesmo tempo uma figura representativa do Iluminismo.

morreu, ou seja, se a filosofia tomou consciência de não poder postular, com absoluta certeza, um fundamento definitivo, então, também não existe mais a 'necessidade' de um ateísmo filosófico".

Outro conceito importante para mediar a crise da Comunhão Anglicana é o da secularização, que STANILAS (2006, p.91) entende ser formada por "três coisas cuja distinção é útil: um fato maciço particular ao Ocidente cristão; o conjunto dos fatores responsáveis por ele e o novo espírito que nasce daí". É importante ressaltar que, apesar da secularização ser um fenômeno global, sua maior força está no ocidente cristão, especialmente na Europa.

No caso da crise da Comunhão Anglicana, os conservadores evangélicos e anglo-católicos criticam esse processo de secularização e entendem que a igreja não pode ceder às pressões e seguir uma moralidade laica, o que, segundo eles, tem provocado declínio quantitativo do Cristianismo no continente europeu. Já os progressistas ou liberais entendem que somente com a abertura da Igreja para a pós-modernidade, o Anglicanismo e o Cristianismo como um todo tem possibilidades de sobreviver e ser relevante para a sociedade contemporânea.

A crise que a Igreja Anglicana vivencia é uma crise da modernidade. Já como instituição autônoma, ela surge e se desenvolve no período moderno. Mas é no contexto da pós-modernidade que ela encontrou seus maiores desafios e dilemas.

MAY (2008, p. 19) nos ajuda a compreender a diferença entre moral e ética da seguinte forma:

A moral refere-se, sobretudo, ao conteúdo ou às respostas específicas que se aceitam como normativas para o comportamento. A ética, por sua vez, aponta para a maneira ou processo de discernir a moral ou de como chegar às respostas específicas e por quê.

Veremos que os conservadores anglicanos estão preocupados em definir normas para a agenda moral, enquanto os progressistas pretendem refundar a moral a partir de questionamentos éticos envolvidos nas discussões morais.

Segundo JASON (2008, p. 233):

Para se trazer a fé religiosa à praça pública é preciso substituí-la por vago teísmo racionalista. Os "teístas pragmáticos" precisariam estar prontos para renunciar a imortalidade pessoal, as intervenções providenciais, a eficácia dos sacramentos, o nascimento virginal, a ressurreição de Cristo, a aliança de Abraão,

a autoridade do Corão e inúmeras outras coisas que muitos teístas relutam em abandonar.

Veja a tamanha imposição da secularização da sociedade sobre os religiosos, que para serem legítimos no uso do espaço público teriam que abrir mão dos principais pressupostos das suas crenças tradicionais.

MAY (2008, p.19) conclui que “a Igreja Católica Romana prefere ‘a moral’, ao passo que as igrejas protestantes, particularmente as correntes históricas, têm utilizado ‘a ética’. Na verdade, representam termos e conceitos intercambiáveis”. Podemos perceber que a conclusão do autor parte do fato que o Catolicismo Romano emite declarações morais e universais sobre os mais diversos temas, enquanto as igrejas ligadas ao Protestantismo histórico preferem trabalhar com princípios éticos adaptáveis a cada situação local.

Inserido no contexto da Igreja da Inglaterra e procurando legitimar a diversidade do Anglicanismo, relacionando-o com o a Cristologia, de acordo com FERMER (2008, p.17):

O gênio do Anglicanismo é a sua inclusividade (comprehensiveness) graciosa que permite pluriformidade, suas teologias e hermenêuticas que são responsivas em seus contextos diversos através da igreja global. Nossa diversidade como anglicanos honra os contextos particulares nos quais ministramos e assim honra a própria Encarnação de nosso Senhor.

Essa inclusividade surgiu, como vimos, através do desenvolvimento histórico desde a elaboração da idéia de via-média no tempo da Reforma Anglicana do século XVI, mas principalmente após o desenvolvimento das tipologias surgidas durante a formação da Comunhão Anglicana. Um grande problema começou a surgir a partir do fato de que determinadas sociedades não são sequer modernas e por isso não aceitam de forma alguma o pluralismo teológico e moral presentes nas várias províncias espalhadas nos mais diversos contextos sociais.

O Reverendo Christopher R.Seitz, professor da Universidade de Saint Andrews Seitz, assim entendia o conceito de inclusividade:

Inclusividade é uma declaração de que onde existem princípios fundamentais e onde a adição for entendida justamente como é - o não essencial - não há conflito com esses fundamentos [...] Inclusividade, como tradicionalmente entendida, não era uma celebração nem a tolerância da diversidade por si mesma. (CAVALCANTI, 2007, p.29)

O ponto central é o que de fato é adiáforo. Adiáforo dentro do Anglicanismo é o uso de velas, ícones, o uso de mitra pelo bispo entre outros. Para os chamados conservadores, adiáforo não inclui temas da moralidade sexual, já para os progressistas a sexualidade é uma assunto adiáforo.

A maior crise anglicana da história, o que podemos afirmar pela ausência de 250 dos 900 bispos(as) na Conferência de Lambeth 2008 começou a ocorrer quando da ordenação feminina ao sacerdócio e chegou ao clímax quando da ordenação de homossexuais declarados e a realização de bênçãos matrimoniais para pessoas do mesmo sexo.

O teólogo inglês MACGRATH (2005, p.148) analisa:

O feminismo entrou em choque com o Cristianismo (assim como com a maioria das religiões), devido a sua percepção de que as religiões tratam as mulheres como seres humanos de segunda classe, tanto em termos dos papéis que essas religiões destinam às mulheres, como pela forma como concebem a imagem de Deus.

De fato, a maior parte da tradição cristã tem se mostrado refratária tanto a inserção das mulheres no ministério como a uma reformulação da nossa concepção de Deus. É interessante notar que as mudanças que vieram a ocorrer no âmbito cristão começaram dentro do Protestantismo, no qual a tradição não tem o mesmo peso da Bíblia. Das vertentes católicas do Cristianismo somente o Anglicanismo abriu-se para o ministério feminino, sendo as Igrejas Ortodoxas as mais conservadoras neste aspecto.

A Conferência de Lambeth (reunião decenal de todos os bispos (as) anglicanos na Inglaterra), apesar de não ter caráter jurídico, ou seja, suas decisões não são leis criadas para a Comunhão Anglicana, representa uma opinião dos anglicanos sobre uma grande diversidade de assuntos. Mas vamos focar apenas os aspectos de gênero e sexualidade.

No resumo das Conferências de Lambeth de 1978 e 1988 (s/d, p. 05), assim se expressou sobre a ordenação de mulheres ao diaconato:

A Conferência recomenda àquelas Igrejas-membro que, no presente, não ordenam mulheres como diáconas a considerar a

necessidade de mudanças legais e litúrgicas para capacitá-las a fazê-lo.¹⁶

Como o diaconato é a primeira ordem na hierarquia Anglicana e existem provas na Bíblia e na Tradição da Igreja da existência de mulheres nesta ordem, ficou mais fácil a aceitação e acabou não gerando tanta polêmica.

Em relação à mulher no presbiterado, a mesma Conferência reconhece que desde a última Conferência (1968) na diocese de Hong Kong, a Igreja Anglicana do Canadá, a Igreja Episcopal dos Estados Unidos da América e a Igreja da Província da Nova Zelândia admitiam mulheres ao presbiterado, e que oito províncias tem agora concordado com a aprovação em princípio que não há objeção fundamental ou teológica para a ordenação de mulheres ao tríptico ministério histórico da Igreja.

A mesma assembléia reconheceu tanto o debate como as ordenações de mulheres, o que tem causado desconforto e dor em ambos os lados. A autonomia para ordenar ou não mulheres e foi feito um apelo para que mesmo as províncias que não aceitam ordenar mulheres aceitem o exercício do ministério feminino com a autorização dos sínodos, bispos diocesanos, do clero e do povo onde será exercido. No tocante ao episcopado, a mesma Conferência (s/d, p. 6) afirma que:

Enquanto reconhecendo que uma Igreja-membro da Comunhão possa intentar consagrar uma mulher ao episcopado, e a aceitando que tal Igreja pode agir de acordo com a sua própria Constituição, a Conferência recomenda que nenhuma decisão seja tomada sem consulta ao episcopado, através dos Primazes e que leve em consideração a respectiva diocese, no caso de o ofício de bispo vir a se tomar causa de desunião.¹⁷

É interessante perceber que, até hoje, boa parte das províncias não aceitaram a ordenação de mulheres ao episcopado. Contudo, não deixa de ser contraditório, já que se aceita ao diaconato e ao presbiterado. A argumentação de que não tem base bíblica e na Tradição da Igreja também valeria para o presbiterado e dessa forma estas Províncias só poderiam aceitar mulheres no diaconato.

Outro aspecto relevante é que as províncias que aceitam mulheres em todas as ordens são as que também aceitam a ordenação e matrimônio dos homossexuais, já que argumentam que assim como a Bíblia está condicionada

¹⁶ Disponível em:

http://www.centroestudosanglicanos.com.br/bancodetextos/historiadaigreja/resumo_das_conferencias_de_lambeth_de_1978_1988.pdf acesso em 21/11/09.

¹⁷ Idem.

culturalmente em relação às mulheres também não pode ser o guia para questões de sexualidade. De fato, se teologicamente a maior parte da província aderiu ao liberalismo, não há motivos para a proibição da ordenação feminina e homossexual.

Ainda nesta Conferência, Lambeth (s/d, p. 7) apresentou a seguinte resolução sobre a Sagração (ordenação de mulheres ao episcopado):

Que cada Província respeite a decisão e atitudes de outras Províncias na sagração de mulheres ao episcopado, sem que tal respeito indique aceitação do princípio, mantendo o mais alto grau de comunhão com Províncias que diferem". Que em qualquer Província onde a reconciliação sobre essas questões é necessária, qualquer bispo diocesano diante desse problema seja encorajado a buscar contínuo diálogo e suporte pastoral para aqueles clérigos e congregações cujas opiniões diferem do bispo, com vistas à manutenção da unidade na Diocese.¹⁸

O ideal proposto por esta resolução da Conferência é coerente com os princípios da Inclusividade anglicana, mas, na prática, o que tem ocorrido é que as províncias e dioceses conservadoras se aliam com conservadoras e províncias e dioceses progressistas se aliam somente com seus pares. E isso tem dificultado a manutenção da unidade diocesana em várias partes do mundo.

Contudo, a polêmica que acentuou as divisões na Comunhão Anglicana diz respeito ao homossexualismo. Na presente pesquisa, não pretendemos estudar este comportamento humano, mas nos restringiremos a analisar os fatos e discursos pró e contra a ordenação e bênção matrimoniais de homossexuais dentro do anglicanismo mundial.

Apesar de não ser nosso intuito tratar do homossexualismo por si, é importante ressaltar que, como nos mostra OLIVEIRA (2007, p. 11):

A homossexualidade não pode e não deve ser vista como uma "doença" [...] Desde o dia 15 de dezembro de 1973, esta passou a ser riscada da lista oficial de doenças psiquiátricas. Hoje deve ser vista como uma preferência emocional e uma conduta sexual também admissíveis.

Cabe lembrar que ser admissível não significa que seja moralmente aprovada pelos praticantes das mais diversas religiões. E há aqueles que ainda que não classifiquem como doença, mas defendem a possibilidade de reversão sexual através de acompanhamento psicológico.

BROWNING (2008, p.71):

¹⁸ Idem.

Foi a produção e disseminação do discurso médico no passado recente que originou não apenas o conceito da pessoa homossexual, mas dos próprios homossexuais, e, ao mesmo tempo, de seu oposto, os heterossexuais. No começo era a palavra.

Essa tese reforça o argumento dos exegetas liberais de que a Bíblia não condena a opção (ou condição) homossexual, já que seria uma categoria inexistente naquele período.

MOSER Apud OLIVEIRA (2007, p.18):

A homossexualidade, enquanto tal, não deve ser confundida com pederastia, prostituição, travestismo, com "drag queens", transexualidade ou outras formas possíveis e específicas de configuração sexual, as quais podem ser assumidas também por heterossexuais.

Alguns teólogos progressistas afirmam que a sexualidade é moralmente neutra, e que a idéia de pecado só pode ser atribuída aos desvios das relações, sejam elas heterossexual ou homossexual. Sabemos, contudo, que, no senso comum, dificilmente é feita a distinção entre os mais variados comportamentos citados pelo autor.

A Conferência de Lambeth de 1978, (s/d, p. 4) manteve a posição tradicional sobre o tema se expressando da seguinte forma:

Enquanto reafirma a heterossexualidade como norma escriturística, reconhece a necessidade de profundo e desapassionado estudo da questão da homossexualidade, o qual tome seriamente tanto a Escritura como os resultados da pesquisa médica e científica. A Igreja reconhecendo a necessidade de preocupação pastoral para com aqueles que são homossexuais, encoraja o diálogo com eles.

Mostramos o significativo o fato da Igreja Anglicana tentar equilibrar a Escritura com a Ciência, buscando uma síntese do tipo via média como é tão comum em sua Teologia. E antes desse estudo não se fecha ao diálogo, incentivando o acolhimento e atenção pastoral para com os homossexuais.

CAVALCANTI (2008, p.21) procura mostrar o caráter interdenominacional e inter-religioso do movimento homossexual como o seguinte relato:

O surpreendente foi saber da existência de "igrejas gays" não somente de linha teológica liberal, mas também de correntes fundamentalistas conservadoras, como a organização Other Sheep [outras ovelhas] (gays e lésbicas seriam as "outras ovelhas" da casa de Israel).

Ora, a existência de um movimento gay no seio de um movimento cristão conservador mostra que o homossexualismo não é um fenômeno restrito a nenhum grupo social em particular e que a solução encontrada nos meios fundamentalistas é buscar fundamento bíblico para a prática homossexual de forma que o homossexualismo venha a ser aceita no meio ou justificada.

Dez anos depois, em 1988, a sexualidade humana foi novamente tratada na Conferência de Lambeth, como afirma SOARES (2003, P. 103):

Quanto à homossexualidade, a Conferência de Lambeth reiterou o posicionamento da Conferência de 1978 e acrescentou dois elementos importantes: a preocupação com os direitos humanos dos homossexuais e o estímulo para a realização de um estudo-reflexão sociológica, afim de que as diferentes atitudes das Províncias sobre a homossexualidade sejam compreendidas à luz dos fatores sócio-culturais.

Acreditamos que é um consenso entre conservadores e progressistas que os homossexuais possuem direitos humanos e que merecem respeito em sua condição, sendo condenado ao preconceito e à violência (homofobia).

No tocante à relação entre províncias e culturas, cabe uma discussão, já que alguns teólogos contemporâneos entendem que o cerne da questão é o fundamentalismo bíblico dos conservadores contra a sapiência científica e hermenêutica dos progressistas, como vemos no discurso do bispo norte-americano SPONG:

Poderiam os anglicanos dedicados ao estudo bíblico crítico ser convidados a aderir a mentalidade pré-moderna de alguns países do terceiro mundo que se opõem a evolução, interpretam o nascimento virginal como biologia literal e a Ressurreição como algo físico? (SPONG, 2006, p. 3-4).

Já antes da Conferência de Lambeth de 1998, ocorreu toda uma articulação internacional dos conservadores para a manutenção da posição conservadora sobre a sexualidade humana, o que acabou ocorrendo sob a liderança do Arcebispo de Cantuária George Carey.

A esse respeito, assim se expressou o bispo SPONG:

Esse evento[...] foi dominado por uma combinação de anglicanos evangélicos do primeiro mundo com fundamentalistas anglicanos, citadores de Bíblia, do terceiro mundo, ambos orquestrados pela liderança inepta do então Arcebispo de Cantuária, George Carey. (SPONG, 2008, p. 1)

A Conferência de 1998 através de votação plenária (526 favoráveis, 70 contra e 40 abstenções) aprovou o seguinte texto:

Reconhece que há, entre nós, pessoas que receberam orientação homossexual. Muitas delas são membros da Igreja e buscam atendimento pastoral, orientação moral da Igreja e o poder transformador de Deus para viver suas vidas e ordenar seus relacionamentos. Nós nos comprometemos a ouvir as experiências dos homossexuais, e desejamos assegurar-lhes de que são amados por Deus, e que todos os batizados, pessoas fiéis e crentes, discriminados com relação a sua orientação sexual, são membros plenos do Corpo de Cristo. (s/d, p.3)

Realmente existia uma larga maioria conservadora entre os bispos em 1998. Contudo, não deixa de ser contraditório o fato de afirmarem que os homossexuais são membros plenos do corpo de Cristo, já que a mesma resolução da Conferência de Lambeth afirma que a prática homossexual é incompatível com as Escrituras. Se forem membros plenos, a lógica é que tivessem acesso a todos os cargos da igreja e sacramentos. Uma saída seria a distinção entre a disciplina de clérigos e leigos, mas mesmo assim a bênção matrimonial não seria apenas para clérigos como a ordenação, que transforma os leigos em clérigos. De fato, os Cânones Gerais da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil - IEAB diferenciam a disciplina dos clérigos e leigos, e para o exercício do ministério ordenado existem critérios mais exigentes do que para o ministério leigo.

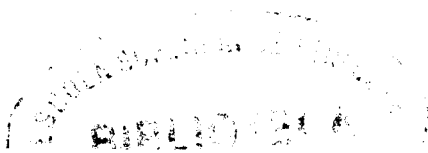
A Conferência (s/d, p. 3) foi enfática ao afirmar que: “Ao mesmo tempo rejeita a prática homossexual como incompatível com as Escrituras [...] não pode recomendar a legitimidade ou bênção de uniões do sexo, nem ordenar aqueles que estão envolvidos em uniões do mesmo gênero”.

DOUGLAS (1976, p. 11) relata que:

Quase todos os relatos de missionários ou viajantes acerca de uma religião primitiva falam sobre o medo, terror ou receio em que vivem seus adeptos. A origem remonta a crença em desastres horríveis que apanharam aqueles que inadvertidamente cruzaram alguma linha proibida ou desenvolveram alguma condição impura.

Sendo a prática homossexual considerada impureza segundo Levítico cap. 18, versículo 22 e cap. 20, versículo 13, pode-se relacionar a homofobia atual como o medo do proibido presente nas religiões primitivas.

Dentro deste contexto, CAVALCANTI (2007, p. 19-22) relata que o estopim para a crise ocorreu quando, em 2002, a Diocese de New Hampshire elegeu e sagrou o primeiro bispo homossexual declarado do Anglicanismo, o reverendo Gene Robinson. Esta ordenação foi aprovada pelo Sínodo da Igreja Episcopal dos Estados



Unidos da América. Foi quando a Diocese de New Westminster no Canadá (Bispo Michael Ingham) passou a autorizar a realização de um rito de bênção matrimonial para pessoas do mesmo sexo.

O Reverendíssimo Dr. Barry Morgan (2003), em pronunciamento, afirmou que:

Como anglicanos, nós acreditamos que aprendemos nossa fé num lugar específico, seja ele em Gales, Inglaterra, Canadá ou na África. Isto não significa que somos dominados pela cultura local, mas sim que as comunidades cristãs em diferentes partes do mundo têm ênfases diversas. [...] A Igreja da Nigéria permite a poligamia, porque ela é encontrada na Bíblia, embora nós, no Ocidente, acreditamos nas relações matrimoniais monogâmicas [...] Nós estamos em perigo na Comunhão Anglicana, ao fazermos deste tema sexual e relacionai o único assunto realmente importante, quase um tema definitivo para quem é ou não anglicano, ou até cristão. (MORGAN, 2003).

Como sabemos, a relação entre cultura e Cristianismo é histórica e tem sido questionada em muitos aspectos pelos antropólogos. O ponto central é descobrirmos o que é essencial e o que é acidental dentro de nossa visão sobre o evangelho. De fato, a sexualidade não é o tema mais importante, nem por isso deva deixar de ser debatido na Comunhão Anglicana.

O Teólogo inglês e missionário Reverendo Fermer tenta nos convidar a levar em consideração o papel da cultura e dos contextos específicos:

A cultura norte-americana aonde os direitos dos gays e lésbicas são muito mais articulados, também está promovendo a integração dos gays praticantes em todos os aspectos da vida da Igreja, inclusive o episcopado, enquanto a África, especialmente em países em que há forte presença muçulmana e em partes do Extremo Oriente, há culturas que são bastante fechadas ao homossexualismo. Obviamente o quadro da Comunhão é bem complexo, com "conservadores" nos Estados Unidos e "liberais" na África (s/d, p. 18).¹⁹

De fato, a questão cultural é fundamental para o estudo sócio-teológico da sexualidade. Percebemos que a questão crucial diz respeito, todavia, a eclesiologia e autoridade na Igreja. No Anglicanismo ao contrário do Catolicismo Romano, que apresenta o papa como uma autoridade final infalível, tem-se os instrumentos de unidade, a saber o Arcebispo de Cantuária, o Conselho Consultivo Anglicano - CCA, o Encontro de Primazes e a Conferência de Lambeth que possuem apenas força

¹⁹ Disponível em:

http://www.regiao1.ieab.org.br/rps/documentos/documentos_anglicanos_sobre_sexualidade.pdf
acesso em 23/11/09

moral e consultiva. Já no Protestantismo conservador, a ortodoxia é mantida por uma interpretação literal (gramatical–histórica) dos textos bíblicos.

Evidentemente, não se trata de um conflito de conservadores do Sul global contra liberais do Norte, como afirma JENKINS apud CAVALCANTI (2007, p.35), mas, de fato, percebemos que existem hegemonias, isto é, grupos majoritários (bispos, reitores de seminários e Deões de catedrais) que detém o poder eclesiástico (cargos de cúpula, seminários, sociedades missionárias, recursos financeiros, etc.). Há liberais na África, mas são minoria; há conservadores nos países desenvolvidos, mas são minorias do ponto de vista quantitativo.

CAVALCANTI assim se expressou diante da ordenação do primeiro bispo gay declarado:

De nada adiantaram os apelos do Arcebispo de Cantuária, do Encontro de Primazes e da Resolução da Conferência de Lambeth. De nada valeram advertências e manifestações de outros ramos do Cristianismo e de outras confissões religiosas. A arrogância etnocêntrica da “cultura superior” do sofisticado liberalismo branco anglo-saxão de classe média do Império foi mais forte que o bom senso, o respeito, a comunhão e a interdependência da Comunhão Anglicana. (CAVALCANTI, 2007, p.19)

O que podemos ver no discurso do autor acima é a crença ou a vontade de que os “instrumentos da unidade” acima citados seriam capazes de impedir a ordenação homossexual nos EUA. Partindo dessa perspectiva não podemos declarar que faltou bom senso, já que eles agiram de acordo com a sua realidade; nem acho que se deve atribuir esta decisão à arrogância etnocêntrica, até porque o maior referencial do Anglicanismo não são os EUA, mas a Inglaterra.

Concordamos, contudo, que faltou sensibilidade para entender que se buscasse uma comunhão entre as igrejas, deviam-se levar em consideração que tal atitude acirraría as divisões internas.

O Reverendo RIBAS assim se expressou sobre as resoluções de Lambeth 1998:

Os bispos de Lambeth, preferiram continuar acreditando que as complexidades da vida humana se resolveriam facilmente através de “bulas”, como se os humanos fossem máquinas que precisam de manual para operá-las, e quando cada botão, apertado na devida ordem faz com que tudo funcione adequadamente, proporcionando vida plena. (RIBAS, 2002, p.89)

Por um lado sabemos de fato de que a condição humana não se resolve com pronunciamentos oficiais, por outro, se a Conferência de Lambeth não pode nem ao menos emitir posições sobre as mais diversas demandas apresentadas à Igreja. Acho que a Conferência seria esvaziada de significado e a Igreja se omitiria, apesar de correr menos risco de errar.

O bispo Jubal Neves, da Diocese Sul-Occidental, analisou a ordenação de Gene Robinson da seguinte forma:

No processo e no resultado percebemos que o cônego Robinson não fora eleito por ser um "gay confesso", mas por que sua diocese deseja como seu bispo, um homem com as suas qualidades ministeriais e seu testemunho pastoral. Dois dias depois, ao final da Convenção, foi aprovada uma resolução reconhecendo que algumas comunidades locais, na vida paroquial, experimentam liturgias, celebrando e abençoando uniões de pessoas do mesmo sexo (É importante esclarecer que a palavra matrimônio não é mencionada, que não foi autorizado um rito específico, e que "uniões" se refere à maneira como as pessoas vivem juntas). (NEVES, s/d)²⁰

Entendemos que, além da condição sexual, o clero e o povo que elegeram Robinson levaram em consideração outras características, mas dizer que não ocorreu um lobby²¹ pelo fato dele ser gay é difícil de acreditar. Agora, o fato de não ser mencionada a palavra matrimônio em nada altera o significado dessas bênçãos. As uniões homossexuais, na prática, a igualam as uniões heterossexuais.

O teólogo e sacerdote anglicano brasileiro Maraschim, assim avaliou a ordenação do bispo Gene Robinson:

O bom bispo Robinson, recentemente sagrado nos Estados Unidos, encontra-se entre a modernidade excludente e a pós-modernidade inclusivista. Os bispos africanos esquecem-se o amor de Deus e querem instituir nova inquisição. [...] Se a Bíblia deve ser entendida em seu sentido literal, não se pode escolher uma parte em detrimento das outras. Ou ela é toda divina e infalível ou ela é humana e, portanto, falível. (MARASCHIN, s/d)

De fato, a modernidade é exclusivista, especialmente o Protestantismo com suas confissões de fé. Contudo, a pós-modernidade não nos leva necessariamente para a aceitação ilimitada de tudo. Vemos que o teólogo acabou apresentando um

²⁰ Carta Pastoral do Bispo da Diocese Anglicana Sul-Occidental, disponível em: <http://www.swbrazil.anglican.org/CartaPast022003.htm>, acessado em 15/08/03

²¹ Grupo de pessoas ou organização que tem como atividade profissional buscar influenciar, aberta ou veladamente, decisões do poder público, esp. no legislativo, em favor de determinados interesses privados.

raciocínio cartesiano, tipicamente moderno, ao só enxergar duas posições a respeito da Bíblia.

O sacerdote e teólogo CALVINI defende o legado dos liberais nos seguintes termos:

Foram teólogos liberais que incentivaram a Igreja a reconhecer o ministério feminino ordenado a estender a plena participação eucarística às crianças e que hoje defendem os direitos homossexuais [...] O Liberalismo Teológico se diferencia das demais tendências na Comunhão Anglicana por ser fluído e sem fronteiras muito delimitadas. Por isso não haja uma organização internacional como a EFAC (Fraternidade Evangélica na Comunhão Anglicana), nem grandes encontros internacionais ou redes de contato visando tomar o poder em certas dioceses e seminários. (CALVINI, s/d, p. 11)

Os liberais tiveram participação nas realizações citadas acima, mas que não se constituem paternidade exclusiva deles, já que tanto evangélicos quanto anglo-católicos abraçaram em certa medida estas propostas.

Apesar de não serem tão organizados como os evangélicos, percebemos que há um predomínio dos liberais nas províncias ricas do Hemisfério Norte.

MARASCHIN analisa a situação atual da Comunhão Anglicana da seguinte forma:

A sagração desse bispo de orientação homossexual jogou por terra as ilusões em que se alicerçou até agora a suposta "Comunhão Anglicana" [...] É curioso que os dois grandes desafios agora perante os anglicanos não são doutrinários nem litúrgicos, mas sociológicos e ideológicos. O primeiro deles foi o reconhecimento de que as mulheres, afinal, poderiam falar na Igreja [...] poderiam pregar e celebrar os sacramentos. [...] Surgiram os "bispos voadores" para acalmar os ânimos dos que não se animavam a receber a sagrada hóstia das mãos impuras de uma mulher. [...] O segundo grande desafio tomou-se concreto no dia 02 de novembro de 2003 quando o bispo Robinson recebeu de dezenas de bispos o carisma do episcopado. (MARASCHIN, s/d)

O autor entende que a Comunhão Anglicana era apenas uma ilusão diplomática surgida com os ingleses, já que não seria praticável. O Anglicanismo se instalou nos mais diversos contextos culturais. Seria impossível não existir conflitos que questionassem a idéia de autoridade. Quanto à natureza epistemológica da crise Anglicana, entendo que, além dos componentes citados, possui elementos teológicos (hermenêuticos) e éticos (ou morais?). De fato, a existência de bispos voadores, ou seja, que prestam assistência pastoral à outra diocese que não as suas, foi um princípio de cisma que tem se agravado após a polêmica gay.

Vejamos como anglicanos interpretam determinadas passagens bíblicas. Segundo as noções básicas da hermenêutica cristã, os textos não devem ser interpretados de forma isolada, mas em virtude do espaço que temos, apenas exemplificaremos. Primeiro vejamos a visão de um conservador sobre a seguinte passagem da 1ª carta que o apóstolo São Paulo escreve aos Coríntios, nos versículos 9 e 10 do capítulo 6.

Não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbedos, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus. (1 Co:6:9-10)

O teólogo anglicano conservador PACKER diz que:

O que Paulo está dizendo sobre a homossexualidade? Resposta: Aqueles que declaram pertencer a Cristo deveriam evitar a prática de conexão física com o mesmo sexo com fins de gratificação sexual, seguindo o modelo do coito heterossexual. As expressões de Paulo - "efeminados" e "sodomitas" - homens que praticam a homossexualidade, como temos em algumas traduções se referem às duas palavras gregas que identificam as pessoas envolvidas nesses atos. A primeira, *arsenokotai*, significa, literalmente aquele que se deita com um macho. Isso parece suficientemente claro. A segunda palavra, *malakoi*, é utilizada em muitas conexões com o significado de "não masculino", "relativo à mulher" e "efeminado"; aqui, a referência é à pessoa do sexo masculino que se presta ao papel da mulher no contato sexual físico. (PACKER, s/d).²²

GONÇALVES (s/d, p.10) relata que a homossexualidade nas epístolas paulinas é tratada nas traduções através dos termos: "Malakoi" (que algumas versões traduzem como "efeminados";cf.1 Cor 5:10-11 e 6:9-10) e deveria ser traduzido como "aqueles que vestem roupas finas" ou "almofadinhas" (Cf. Mt 11: 8 e Lc 7: 25). "Arsenokoitai" (cf. 6: 9) é o único termo que se refere a homossexualidade masculina em todo o NT. No entanto, este termo é novamente vinculado à prática sexual cultuai e não à vida familiar.

A Posição é a do atual Arcebispo de Cantuária, Rowan Williams, sobre a crise da Comunhão Anglicana, é a seguinte:

Acerca do que, exatamente, são as tensões presentes na Comunhão Anglicana hoje? Muitas pessoas estão confiantes de que elas sabem a resposta: isso é por causa dos bispos gays, ou, possivelmente, por termos mulheres no episcopado. A Igreja

²² Disponível em:

http://www.centrostudosanglicanos.com.br/bancodetextos/anglicanismo/o_bispo_robinson_entre_a_modernidade.pdf, acessado em 15/11/09

Americana está a favor desta realidade e outras são contra – e a Igreja da Inglaterra não tem certeza (como sempre) [...]Sem dúvida alguma,também é verdade que muita tensão tem sido adicionada, ocasionada pelos preconceitos arraigados e ignorantes de algumas partes; e para muitos outros dentro e fora da Igreja, a questão parece ser claramente relacionada à dignidade e direitos humanos”.(WILLIAMS, s/d).²³

Vemos que o líder espiritual dos Anglicanos começa tentando minimizar as razões da crise anglicana, e parece reforçar a tese liberal de que rejeitar a ordenação e bênção gay é ignorância/obscurantismo, e aceitar é uma garantia do reconhecimento dos direitos humanos. Femmer afirma que “a Comunhão (Anglicana) está envolvida num processo de reflexão e discernimento, não apenas sobre a sexualidade humana, mas mais importante ainda, em como nos relacionar uns com os outros enquanto família eclesial”

Vemos que, para este autor, o problema é, sobretudo, de Ecclesologia, ou seja, a Igreja Anglicana adotou um modelo *sui generis*²⁴, já que não é igual à centralização universal do Vaticano nem de Federações ou alianças como os protestantes, nem patriarcal nacional e universal como as Igrejas Ortodoxas. O modelo anglicano de Comunhão pressupõe autonomia nacional (Províncias) e interdependência universal através de laços históricos e afetivos com Cantuária.

Alguns aspectos que permeiam a chamada crise da Comunhão Anglicana, que, como vimos, não é a primeira e não está restrita ao Anglicanismo. A catolicidade (universalidade) do Anglicanismo provocou repercussões em várias partes do mundo, inclusive no Brasil. O Próprio primaz da Comunhão Anglicana, WILLIAMS, assim se expressou:

Não há como a Comunhão Anglicana se manter a mesma,devido ao que tem ocorrido no momento.Nem os liberais nem os conservadores podem apelar para uma identidade histórica,que não corresponde com a situação em que nos encontramos no momento. WILLIAMS (2006, p. 01)

Realmente, mesmo a Conferência de Lambeth 2008, registrou a ausência de cerca de 280 bispos conservadores que realizaram uma reunião antecipada em Jerusalém, na GAFCON - Conferência para o Futuro do Anglicanismo Global. Uma das principais lideranças presentes na GAFCON foi o arcebispo do Cone Sul,

²³ Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/homossexualismo/retirei_packer.htm acessado em 20/11/09. Tradução Pb.Solano Portela.

²⁴ Que não apresenta analogia com nenhum outro modelo.

Gregory Venables, com base na Argentina. Juntamente com colegas africanos, ele tem dado apoio a bispos ortodoxos, clérigos e igrejas individuais que resistem às ações legais da Igreja Episcopal de esquerda e à Igreja Anglicana do Canadá, de perfil liberal. Enfático VERNABLES percebe que “[...] A questão não é o cisma [...] O cisma é se separar por causa de motivos secundários. No nosso caso, trata-se de teologia fundamental. Aqui é esta a divisão. Não é, portanto, um cisma. Trata-se de uma verdadeira ruptura”.²⁵

O conflito causado pelo apoio dado a bispos, clérigos e igrejas ortodoxas está no fato de que as ações (ordenações e bênção homossexuais) são legais do ponto de vista canônico, e a invasão de dioceses por bispos ortodoxos é considerado ilegal, pois representa uma ruptura com o conceito de jurisdição eclesiástica geográfica, ou seja, cada bispo é responsável por uma área específica e não pode penetrar em outra diocese sem o consentimento do seu colega de episcopado.

Ora, vemos que a questão é hermenêutica, subjetiva e valorativa, já que tantos liberais como ortodoxos afirmam estarem seguindo às diretrizes bíblicas e que quando há um conflito de interpretação, os liberais passam para o cumprimento dos cânones da província e os ortodoxos insistem em manter uma interpretação literal dos textos bíblicos, ainda que se choquem com os cânones.

Não sabemos se este grupo da GAFCON continuará fazendo parte da Comunhão Anglicana e se a Conferência e o Arcebispo de Cantuária continuarão a ser considerados símbolos da unidade. O Instituto *Humanistas Unisinos* noticiou que:

O arcebispo de Abuja, o nigeriano Peter Akinola, rejeitou a idéia de que os conservadores estejam formando uma igreja dentro da Igreja Anglicana. Somos todos parte de uma mesma igreja mundial chamada de Comunhão Anglicana — afirmou ele, durante uma entrevista coletiva. Não é nossa intenção criar uma nova igreja. (WILLIAM, s/d).²⁶

O grande desafio está no fato de que até hoje a Conferência de Lambeth tem sido um dos símbolos mais fortes de pertença a Comunhão Anglicana, e esta ausência só poderá ser reparada na próxima em 2018.

²⁵ Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=23810, acessado em 26/11/09.

²⁶ . Disponível em: http://www.ieab.org.br/documentos/refl_abc_jun06.pdf, acessado em 25/11/09

O teólogo anglicano brasileiro MARASCHIN complementa o desafio:

[...] Peter Akinola, arcebispo da Província da Nigéria, acaba de modificar a constituição (com a aprovação de seu sínodo ou órgão equivalente) de sua igreja com pelo menos duas mudanças significativas: eliminação da menção ao Arcebispo de Cantuária como símbolo de unidade dos anglicanos e a afirmação do direito dessa igreja de estabelecer relacionamento apenas com Províncias ou grupos anglicanos que se mantêm fiéis à ortodoxia bíblica (leia-se interpretação fundamentalista das escrituras), aos 39 Artigos da Religião²⁷ e ao Livro de Oração Comum de 1662. (MARASCHIN, s/d, p. 01)²⁸

De fato, o Arcebispo de Cantuária é o líder espiritual da Comunhão Anglicana e eliminar a sua presença da constituição provincial soa como cisma. Contudo, como Maraschin afirma tal decisão, ocorreu dentro dos trâmites da legalidade eclesiástica com a aprovação de sua igreja nacional representada no Sínodo. Já no que diz respeito ao fato do autor associar fidelidade à ortodoxia e esta ao fundamentalismo, considero uma generalização, já que nem todo conservadorismo se dá como base numa interpretação literal das Escrituras. Mas no caso de alguns movimentos do Anglo-catolicismo, a rejeição de determinadas práticas se relaciona com a sua concepção de tradição apostólica ou de eclesiologia.

Enceramos este capítulo com trecho da carta do Rev. Luiz Alberto (22 de março de 2007), presidente da Câmara dos Clérigos e leigos da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB):

A crise real na Comunhão Anglicana não é sobre sexualidade humana ou Orientação Sexual, é sobre Autoridade. Existe uma batalha para descobrir quem tem o Poder na Comunhão Anglicana. Os líderes de nossas igrejas deveriam se lembrar de quem tem o real poder é Jesus Cristo, e que o Seu poder está fundamentado no AMOR. Amor que respeita a todos e a todos os diferentes pontos de vista dentro da Igreja. Como Cristãos, não nos é permitido negar nenhum tipo de apoio e membresia plena para as pessoas que querem ser parte de nossas igrejas. Não é com coerção, mas com amor que a Comunhão Anglicana descobrirá o caminho para resolver a presente crise.

Concordamos com o reverendo no sentido em que, de fato, há uma luta pelo poder e que províncias e dioceses ricas não pretendem esperar um “consenso anglicano” sobre a sexualidade para tomar suas decisões, nem também províncias e

²⁷ Documento confessional histórico do Anglicanismo não é mais tido como uma confissão de fé anglicana, mas apenas como uma referência do passado.

²⁸ Disponível em:

http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=15002, acessado em 30/11/09.

dioceses menos abastardas mais com expressivo número de fiéis aceitaram inertes as decisões de seus irmãos de outras partes do globo.

FOCAULT (1979 p. 7-8) se expressa dizendo:

Ora, me parece que a noção de repressão é totalmente inadequada para dar conta do que existe justamente de produtor de poder. Quando se define os efeitos do poder pela repressão, tem-se uma concepção puramente jurídica deste mesmo poder [...] Deve considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem a função de reprimir.

Esse posicionamento de Foucault se relaciona com a idéia de autoridade dispersa presente no Anglicanismo que é oposta da autoridade centralizada do Catolicismo Romano.

Contudo, negar que o tema da sexualidade humana, tanto feminina como masculina, quanto à homossexualidade, tem dividido os anglicanos, pois parece ser uma tentativa de negar a realidade que vemos estourar em várias partes do mundo. Esse debate vem dividindo opiniões em vários rincões anglicanos no mundo, inclusive no Brasil, na IEAB e na DAR como veremos no próximo capítulo.

4 CISMAS ANGLICANOS NO RECIFE: ORTODOXOS X LIBERAIS?

Sabemos que na era da globalização o mundo está interligado e interdependente; por isso os debates sobre sexualidade humana, ordenação feminina e autoridade que vimos no capítulo anterior acabaram influenciando a IEAB e, de forma específica, a Diocese Anglicana do Recife (DAR).

Historicamente, a DAR apresentava peculiaridades teológicas em relação à IEAB, especialmente no tocante a hegemonia dos evangélicos e carismáticos em relação aos anglo-católicos e progressistas.

Segundo SOARES (2003, p.18):

Em 1956 o bispo Melcher visitou Manaus e Belém, ocasião em que crismou sete pessoas. Dois anos depois, o bispo eleito Sherril voltou a visitar algumas cidades do norte e nordeste. Nessa época Salvador estava sem capelão (o último tinha ido embora há meio século), Recife possuía apenas uma pequena congregação de estrangeiros assistidos por um capelão e Belém contava com a liderança do Pe. Leslie Hallet, um missionário americano que dirigia uma escola e realizava cultos numa casa alugada.

O que vemos neste depoimento é que a Diocese Setentrional era uma capelania de ingleses e composta por cidades do Norte e Nordeste do Brasil, o que garantia receber pouca assistência pastoral

Segundo AQUINO (2000, p. 29):

A Diocese do Recife (anteriormente chamada de Setentrional) foi oficialmente criada pelo Sínodo²⁹ em junho de 1975. Contudo, desde março do mesmo ano que o bispo Edmund Sherril havia enviado para Recife o Reverendo Paulo Garcia com a finalidade de incrementar o crescimento da Igreja naquela região. Lá chegando, o Reverendo Paulo Garcia encontrou apenas dez pessoas ligadas à igreja: oito ingleses e um casal de brasileiros. Mas em dois anos, surpreendentemente, a paróquia já tinha mais de 200 membros. Hoje, a Catedral da Santíssima Trindade é a

²⁹ Reunião trienal da Província, ou seja, de todas as dioceses com a representação de clérigos e leigos.

maior congregação anglicana da América do Sul, com cerca de 3000 membros.

Neste relato podemos perceber a importância da Catedral e de seu Deão (responsável pela Catedral) na DAR, seja pelo seu dinamismo evangelístico, seja pela quantidade de membros que possui; o que também era significativo nas finanças diocesanas. Cabe lembrar que esse relato é anterior ao cisma que deu origem a Igreja Episcopal Carismática e mostra que ele tinha simpatia pelo seu ministério.

SOARES (2003, p.19) dá grande destaque ao papel do Reverendo Paulo Garcia:

A história do anglicanismo na região pode ser datada antes e depois de Paulo Garcia. Seu carisma pessoal é o grande acontecimento que deslancha o crescimento do anglicanismo na região; sem ele tal fato seria incompreensível[...]Ele pode ser considerado o pai do anglicanismo na região nordeste. Vemos que este depoimento também exalta a pessoa e o ministério de Paulo Garcia, entretanto o mesmo envolveu-se numa das maiores controvérsias que já ocorreu na IEAB, de forma especial na DAR. É interessante notar que o autor é sacerdote da Igreja Episcopal Carismática fundada no Brasil pelo Reverendo Paulo Garcia.

O Sacerdote da Igreja Episcopal Carismática, SOARES nos ajuda a compreender prováveis razões do cisma liderado por Paulo Garcia:

Entre 1985 e 1997, o bispo Clóvis Erly Rodrigues (de tendência católica) liderou a Diocese num clima de animosidade com a maioria evangélica. Todos na região esperavam que Paulo Garcia fosse eleito bispo no processo de sucessão de Sherrill. No entanto, o Sínodo provincial elegeu Clóvis, procurando dar uma cara mais católica a Diocese Setentrional, única neste período a encaminhar-se mais numa direção evangélica no contexto da IEAB. (SOARES, 2003, p.19)

Interessante notar que a eleição dos bispos pelos clérigos e leigos é uma das características da IEAB, porém como a Diocese Setentrional (atual DAR) não era autônoma; a eleição foi realizada no Sínodo e frustrou uma expectativa dos evangélicos, causando insatisfação e animosidade com o bispo Clóvis Erly Rodrigues.

A versão do DAR, exposta no seu sítio oficial para este momento histórico, é a seguinte:

Esta eleição contrariou a vontade do bispo Sherrill e dos clérigos e leigos da delegação do Recife, que desejavam a eleição do Rev. Paulo Ruiz Garcia como o sucessor de D. Sherrill. É neste período, também, que Clérigos e leigos fundam a ABAE (Associação Brasileira de Anglicanos Evangélicos) e se filiam a EFAC (Evangelical Fellowships in the Anglican Communion),

numa clara demonstração das feições teológicas da Diocese Setentrional. Durante o episcopado de D. Clovis Erly Rodrigues, há um grande crescimento do anglicanismo no Nordeste, particularmente por meio de eventos como os Encontros de Casais com Cristo, Seminários de Vida no Espírito e Cursilhos de Cristandade, que em sua maioria, gravitavam em torno da Paróquia da Santíssima Trindade. DAR (s/d).³⁰

Digno de nota é o fato de que os delegados da DAR desejavam a eleição de Paulo Garcia, o que confirma a existência de uma tensão entre o projeto diocesano e o projeto provincial. Possivelmente esta tensão resulta de uma limitada concepção de inclusividade, que acaba por direcionar o clero para uma determinada concepção teológica, ainda que de maneira subliminar. Não podemos deixar de lembrar que a EFAC tem um papel fundamental nas articulações e acordos existentes entre os conservadores anglicanos.

Ao que tudo indica, os evangélicos adiaram seu “projeto político”, que se concretizaria com a eleição de Robinson Cavalcanti para o episcopado (bispado) em 1997, como nos indica SOARES (2003, p.20):

A eleição de D. Robinson Cavalcanti, em 1997, marcou a revanche dos “evangelicais” do norte sobre os “liberais” e “católicos” do sul: conferindo à Diocese Anglicana do Recife (nome atual), uma face clara de hegemonia evangelical, tanto no aspecto teológico quanto no aspecto do poder político eclesiástico.

Essa visão expressa pelo autor é extremamente significativa para a compreensão da cosmovisão, presente no Anglicanismo nordestino, que seria muito bem explorada por aqueles que colocam seus interesses em pessoas ou corporativos acima do anglicanismo. Perceba o uso da palavra revanche que é bem significativa para a extrema politização do processo eletivo dos bispos e que expõe seu maniqueísmo simplista ao tentar estabelecer uma bipolaridade entre norte e sul, evangélicos versus católicos liberais.

Vemos que Robinson Cavalcanti, mesmo obtendo maioria absoluta de votos, ainda deixava desconfiados outros bispos, que aparentemente previam os grandes cismas que estavam por ocorrer. Não podemos deixar de perceber a visão que o bispo tem de que existe um fundamentalismo liberal na cúpula da Igreja, o que não deixa de ser uma falácia, já que ele mesmo é tido como liberal por defender as

³⁰ Disponível em: <http://dar.ieab.org.br/wp-content/uploads/2009/04/História-da-Diocese-Anglicana-do-Recife.pdf> acessado em 01/12/09.

relações sexuais pré-maritais e a poligamia. Ele apresenta uma visão conservadora, no tocante a homossexualidade, e liberal, no tocante aos heterossexuais.

As tensões existentes na diocese não acabaram com a eleição de Robinson Cavalcanti. Antes ocorreu uma polarização entre aliados e opositores ao seu episcopado que acabou se desdobrando no cisma de Paulo Garcia e no liderado por ele mesmo.

Para tentamos compreender o primeiro grande cisma do Recife, faremos uma análise crítica da memória biográfica de Robinson Cavalcanti e de clérigos da IEAB. CAVALCANTI assim se expressou sobre o cisma:

Sob o pretexto – justificável – de combater os erros e excessos do Episcopado Clóvis, o Rev. Paulo Garcia, sutilmente, ia criando, de fato, uma animosidade contra a instituição do Episcopado em si. Sua conhecida frase: "Não sou contra o Episcopado, mas contra esse Bispo!" foi repetida no Episcopado posterior, e, se o mesmo fosse sincero diria: "Sou a favor do Episcopado, desde que eu seja o Bispo!". (CAVALCANTI, s/d).³¹

A hipótese mais aceita para tentar explicar o porquê da saída de Paulo Garcia da IEAB, levando consigo templos históricos como a Catedral da Santíssima Trindade e seus discípulos reverendos, é a da busca pelo poder episcopal e todas as vantagens supostamente inerentes ao cargo.

CAVALCANTI ainda faz severas críticas ao não comprometimento de Paulo Garcia com a identidade anglicana:

Sob a capa da instituição e da nomenclatura, criou, de fato, uma nova instituição, uma Igreja Pós-Denominacional, centrada na fidelidade à sua liderança carismática (no sentido sociológico e não teológico), no vínculo sócio-afetivo com a Paróquia e no envolvimento com os movimentos de evangelização, tipo ECC e Cursilho, sem qualquer conhecimento da História, da Doutrina e do Governo do Anglicanismo (confundindo Arcebispo de Cantuária com Vinho de Catuaba...), e superficial conhecimento bíblico, pan-cristão e pan-protestante. Um original Episcopismo sem Bispo (ou o Pároco usurpando o seu papel), um Anglicanismo sem Cânones e sem Livro de Oração Comum (LOC). Isso possibilitaria, se necessário, levar esses "mui fiéis" para onde quisesse. (CAVALCANTI, s/d).³²

³¹Disponível em: <http://www.dar.org.br/biblioteca/66-historia-dos-30-anos-da-diocese/503-resgatando-nossa-historia-iii.html> acessado em 01/12/09.

³² Disponível em: <http://www.dar.org.br/biblioteca/66-historia-dos-30-anos-da-diocese/503-resgatando-nossa-historia-iii.html>, acessado em 01/12/09

Analisando as informações dadas pelo autor, o conteúdo doutrinário e litúrgico do Anglicanismo estava em segundo plano, sendo estabelecida uma vinculação apenas paroquial e com o seu líder, sendo isto planejado para um futuro premeditado cisma. Não podemos ignorar o fato de que Robinson Cavalcanti era o bispo que tinha menos poder e status que Paulo Garcia e, provavelmente, isso era desconfortável para ele.

CAVALCANTI, mais adiante, critica a forma administrativa adotada por Paulo Garcia nos seguintes termos:

[...] o Rev. Paulo Garcia, mantida a fachada de uma igreja "episcopal", de fato inovou, criou uma nova e original forma de governo eclesial, que casa como uma luva com o caudilhismo da cultura ibero-americana: o Paroquialismo Autocrático. Nesta nova forma, não há a autoridade dos bispos, nem do Conselho de Presbíteros Regentes, nem da Assembléia ou Plenária dos fiéis. Isolado o Bispo, esvaziadas as Assembléias e as Juntas ou Conselhos, os Párocos (não mais vigários, ou representantes do Bispo, mas "pastores titulares da igreja") exercem o efetivo poder monárquico absoluto. (CAVALCANTI, s/d).

O aspecto que consideramos mais interessante neste relato é o cultural, já que o Nordeste é conhecido por sua política coronelista (caudilhistas) que na Igreja se manifestaria através da centralização de poder nas mãos do Pároco, que se configuraria como verdadeiro pastor substituindo o papel do bispo. Este talvez seja um dos fatores mais importantes para compreender os cismas ocorridos na DAR.

Os cismas que ocorreram na primeira fase do seu episcopado (1997-2002) foram descritos da seguinte forma:

Tendo (secretamente) mantido acordos com a Igreja Episcopal Carismática (recebimento posterior do título de Bispo), o Deão aumentou as agressões e calúnias contra o Anglicanismo e o Bispo Diocesano ("vai batizar animais e casar gays"), não aceitando – conforme determinação do Primaz – ler nota de esclarecimento, cria uma denominação "laranja", manipula expedientes questionáveis do ponto da ética judicial, se apropria do prédio histórico, dá entrevista à imprensa, rompe com a Diocese e se filia, em setembro de 2002, àquele grupo (não de anglicanos dissidentes, mas do chamado "movimento de convergência") de origem norte-americana. Leva com ele as comunidades do Janga, Timbaúba e Vitória do Santo Antão-PE, e os reverendos: Frederico, Célio, Adonias e Edgar. O cisma foi, na realidade, trifonte: O grupo do Deão, com a Catedral (uma parcela dos membros, lideradas pelo Coadjutor Sérgio, permanece na

DAR) para a Igreja Episcopal Carismática (que não ordena mulheres), os reverendos: Leonides e Karla, com a Paróquia Betânia, para a Igreja Episcopal Evangélica (outro ramo do “movimento de convergência” que ordena mulheres) e o Rev. Múcio, com a comunidade do Pamamirim, de volta – mais uma vez – para a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). (CAVALCANTI, s/d).³³

A existência de tensões entre o Rev. Deão Paulo Garcia e o bispo Robinson já eram de longas datas. Robinson era um crítico dos movimentos de evangelização (Encontro de Casais e Cursilhos) utilizado por Paulo que, segundo ele, eram moralistas e burgueses. A situação se complicou quando foi aprovado o livro de ritos ocasionais, que continham além da bênção dos animais (e não batismo, um antigo ritual franciscano), o rito de divórcio para marcar posição contra o chamado “casalismo”, ou seja, dominação dos casais na Igreja. Além disso, tinha sido escolhido para o cargo de Arcebispo de Cantuária, o Dr. Rowan Williams, que enquanto teólogo assumia simpatia pela ordenação e bênção matrimoniais de homossexuais.

Contudo, a IEAB já tinha uma posição oficial sobre a temática da sexualidade expressa numa carta pastoral em 1997:

Como bispos, recomendamos o diálogo, o bom senso e a preocupação pastoral com as pessoas de orientação homossexual na comunidade. Não podemos assumir posições finais sobre a ordenação de homossexuais ou a bênção de uniões de pessoas do mesmo sexo, porque na própria Comunhão o assunto ainda está em processo de amadurecimento.³⁴

Ainda que não seja uma posição que agrade os conservadores e liberais, podemos ver, pelo menos, que não ocorreria ordenações e bênções de uniões gays, já que a carta afirma que não se poderiam assumir posições finais sobre o assunto, a única coisa certa era a preocupação pastoral e o não fechamento ao diálogo e ao bom senso.

O Sítio da Igreja Episcopal Carismática do Brasil- IECB - descreve da seguinte forma o surgimento da denominação: “Em 2003 o Senhor compriu (sic.) aquilo que estava em seu coração e transformou a paróquia que mais crescia no âmbito Episcopal do Brasil, na Igreja Episcopal Carismática do Brasil”. A

³³Disponível em: <http://www.dar.org.br/biblioteca/66-historia-dos-30-anos-da-diocese/503-resgatando-nossa-historia-iii.html> acessado em 02/12/09.

³⁴Disponível em: http://www.ieab.org.br/documentos/c_past_97.pdf. Acessado em: 10/01/09

espiritualização de acontecimentos polêmicos é uma tendência no meio pentecostal/carismático, mas falta clareza para o autor do texto para afirmar que o crescimento dessa paróquia episcopal foi o crescimento da IEAB, através da então Catedral Anglicana da Santíssima Trindade, templo histórico doado pelos ingleses aos anglicanos brasileiros.

A grande crítica a Robinson Cavalcanti feita por Sérgio é a falta de sensibilidade para perceber que numa diocese que tinha como base os encontros de casais promoverem um rito para divorciados é, no mínimo, falta de bom senso, ou ato deliberado para causar tensões e rupturas. É lamentável para a história diocesana que o Rev. Paulo Garcia não tenha se pronunciado após o cisma e só tenhamos acesso aos pronunciamentos de Robinson Cavalcanti. O Rev. Sérgio Andrade, na época, era auxiliar de Paulo Garcia e assim se expressou sobre o ocorrido:

Aqueles que, como eu, conviveram com Cavalcanti sabem que ele estimulou e promoveu o esdrúxulo rito de celebração dos divorciados, gerando em toda a Diocese um enorme constrangimento e concedendo a um deão a oportunidade que aguardava para romper com a Igreja Anglicana em 2002. (ANDRADE, s/d).³⁵

Ao que tudo indica o bispo Robinson queria provar a todo custo a sua ortodoxia e de sua diocese diante das acusações da Igreja Episcopal Carismática, de suas articulações políticas internacionais, diante dos pronunciamentos de clérigos da IEAB e dos desdobramentos da ordenação de Gene Robinson.

A revista *Estandarte Cristão - EC*³⁶, (2002) traz uma carta aberta: "Igreja Anglicana denuncia caluniadores", em que, entre outras coisas, relata:

É fato lamentável e condenável que ex-clérigos desta Igreja tenham veiculado, de púlpito e por meio da imprensa, afirmações inverídicas e distorcidas que se constituem em graves calúnias, injúrias e difamações, em claro atestado de conduta dolosa, em uma inequívoca demonstração de falta de equilíbrio emocional, de crise espiritual e de ânimo delinqüente. As acusações contra o Anglicanismo são meros pretextos, cortinas de fumaça, a esconder os reais e inconfessáveis motivos para tais práticas maldosas [...]. A Catedral Anglicana da Santíssima Trindade é uma paróquia (uma comunidade membro da DAR), e, no artigo 5º, aprovado em assembléia de 19 de dezembro de 1999, diz: é filiado

³⁵Disponível em <http://dar.ieab.org.br/wp-content/uploads/2008/11/003-patience-has-limits-revmo-sergio-andrade.pdf> acessado em 20/12/08.

³⁶ Informativo oficial da IEAB, editada pela Cúpula Histórica da Província.

à comunidade religiosa que neste país tem o qualificativo de Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, subordinada ao bispo e ao Concílio da Diocese Anglicana do Recife [...]. Como se explica, então, que um grupo restrito tenha criado, no mesmo dia 19.12.1999 uma outra (sic) instituição denominada de "Igreja da Santíssima Trindade" e somente registrada em cartório no dia 23 de setembro do corrente ano, nessa data em que essa "igreja" (e não a histórica paróquia) pede desfiliação do Anglicanismo. (Revista Estandarte Cristão, 2002)

A situação denunciada pela carta é muito grave, contudo a questão patrimonial eclesiástica teria que ser avaliada dentro do ordenamento jurídico brasileiro e dentro dos cânones provinciais e diocesanos, o que não iremos fazer na presente pesquisa por não se tratar de nosso objeto de estudo questões jurídicas.

No EC (Janeiro/Fevereiro/2003), o bispo Robinson Cavalcanti concede entrevista, na qual afirma:

Há décadas que os bispos não tinham acesso aos livros (inclusive patrimoniais e contábeis) da Catedral; não se fazia assembléia paroquial, não se prestava contas do orçamento aos paroquianos, e a Catedral virou uma "galinha dos ovos de ouro". O Rev. Paulo temia perder essas benesses com a próxima aposentadoria compulsória, e um eventual pedido de auditoria por parte de seu sucessor. (Idem)

Como vimos, o bispo Robinson atribui a ambição financeira de Paulo Garcia a uma das principais causas do cisma. O que não deixa de ser um julgamento extremamente subjetivo, já que não temos como calcular o peso de cada um dos fatores que provocou a ruptura entre o Deão e DAR/IEAB.

Na mesma edição do EC, Cavalcanti afirma:

O divisionismo religioso, o sectarismo, o personalismo, o estrelismo, o congregacionalismo, a rebeldia contra as normas são pragas e tragédias que se abatem sobre o Cristianismo nas décadas recentes. Há também um messianismo burguês e urbano. A DAR foi vítima de um desses messias, que usou a IEAB para seus projetos pessoais. Quando uma reverenda pediu ajuda daquele líder para a programação da visita do então Arcebispo de Cantuária, sua resposta foi: Quem é esse George Carey? Anglicanismo no Nordeste chama-se Paulo Garcia [...]. (Idem)

Discordo do autor no sentido que as características citadas por ele são males recentes no Cristianismo; elas são perceptíveis desde as primeiras comunidades cristãs, no período Patrístico, na Idade Média até os nossos dias. Quanto ao messianismo, este é de fato uma característica da mentalidade brasileira e especialmente da nordestina. Contudo, quanto à afirmação sem especificar os atores sociais envolvidos, prefiro não tecer comentários.

A visão da IEAB, no sitio diocesano sobre o cisma de Paulo Garcia, é categórica ao afirmar que:

De sua inabilidade no exercício do episcopado, no ano de 2002, a Diocese Anglicana do Recife sofreu dois cismas, vindo a sair do seu quadro, no primeiro, o então Rev. Paulo Garcia, Deão da Catedral, levando consigo a maioria da comunidade e o prédio que historicamente pertencia à Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, os Pontos Missionários Bem-Aventuranças e Pedra Viva, além dos Revdos. Célio Spinati, Edgar B. Ferreira Neto, Frederico Carneiro Rego Bastos; No segundo cisma, deixaram a Igreja o Rev. Leonides Menezes Ferreira, Revda. Karla Patriota o Rev. Adonias Ramos de Souza e as Paróquias Betânia e do Calvário". (s/d)

A idéia de que o bispo é o símbolo da unidade, devendo saber conciliar diferenças e não impulsioná-las, é muito forte dentro da Comunhão Anglicana e da IEAB. Por isso, a culpa é atribuída ao bispo e não aos clérigos dissidentes.

Para propagar sua ortodoxia, o então bispo diocesano Robinson Cavalcanti propôs a criação de um cânone que estabelecesse seus princípios conservadores.

No Concílio Diocesano de dezembro de 2000, por uma maioria de 90% dos delegados clericais e laicos, a DAR havia incluído em seus Cânones proibição para a ordenação de homossexuais praticantes, de heterossexuais que fossem defensores da normalidade daquela prática e homófobos, coerentes com o seu pensamento e com o voto dado por seu Bispo na Conferência de Lambeth, de 1998. O pequeno grupo derrotado no fundo não se conformou, e continuou a manter contatos com a maioria da liderança pró-gay na Província.

Estes cânones foram considerados homofóbicos, apesar de teoricamente condenar a homofobia por boa parte dos clérigos da Província. O argumento é que não cabia especificar determinado comportamento considerado indigno para o ministério e aceitar outros que caberia igual censura como o adultério. Quando o mesmo se expressa de que um pequeno grupo não se conformou, de fato aponta para a não aceitação de uma uniformidade de pensamento sobre a temática na IEAB.

Sobre o Concílio do ano seguinte, CAVALCANTI relatou da seguinte forma:

No Concílio Diocesano de 2001, em primeiro escrutínio, a DAR elegeu como Bispo Sufragâneo (auxiliar, sem direito à sucessão) o Rev. Filadelfo Oliveira Neto, ex-Pároco, ex-Arcediago, e ex-Secretário Administrativo Diocesano, com um discurso de fidelidade e apoio às posições e propostas de Igreja do Bispo Diocesano. (CAVALCANTI, s/d)

Atualmente (2009), Dom Filadelfo é bispo da Diocese Anglicana do Rio de Janeiro e exerceu, entre 2004 e 2006, o cargo de autoridade eclesiástica na Diocese Anglicana do Recife após deposição do Bispo Robinson Cavalcanti. Percebemos um personalismo do bispo diocesano que esperava fidelidade e apoio às posições e propostas de Igreja do Bispo Diocesano e não da Diocese e da Província. O bispo Filadelfo realmente manteve a postura conservadora em relação à homossexualidade, apesar de ter uma atitude pastoral e não disciplinar na lide com a questão.

A visão da IEAB sobre o processo disciplinar e deposição de Robinson Cavalcanti é a seguinte:

2004 foi um ano difícil para o anglicanismo no Nordeste e consequentemente para toda a IEAB. O bispo Cavalcanti demonstrava sempre mais falta de habilidade pastoral e dificuldade de comunhão com a Câmara dos Bispos, além de cometer atos de indisciplina contra a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Desencadeava-se a maior crise até então vivida pela igreja, culminando com o seu afastamento e posterior deposição de ordem, após conclusão do processo eclesiástico. Com a instalação da crise, D. Maurício Andrade, bispo da Diocese de Brasília foi nomeado para uma supervisão episcopal especial, assessorando D. Filadelfo na ação pastoral e administrativa. Posteriormente, D. Sebastião Armando Gameleira Soares e D. Glauco Soares de Lima desenvolveram essa assessoria. (IEAB, s/d)

É interessante notar a repetição da idéia de falta de habilidade pastoral de Cavalcanti, inclusive com seus pares bispos e com a sua denominação. Ele foi acusado de politizar por demais a Diocese, dividindo-a em dois blocos: aliados e adversários, mesmo antes dos Cismas. Note-se que na memória histórica da Província esta foi a maior de todas as crises de uma igreja que já está no Brasil há mais de cem anos. Esta supervisão episcopal causou a divisão, de fato e de direito, da diocese entre apoiadores e opositores do bispo Robinson.

Clérigos que não aceitavam tal posição do bispo Robinson acabaram sendo colocados em disponibilidade (suspensos do ministério) e acabaram transferindo residência canônica (ou seja, mudando de diocese) e quando o bispo sinalizava saída da IEAB, quatorze clérigos assinaram a declaração “Não sairemos”, que pedia a supervisão episcopal especial para estes clérigos que se sentiam ameaçados e constrangidos, sendo nomeado o bispo Filadelfo como autoridade eclesiástica com supervisão do bispo de Brasília, Dom Maurício.

Segundo CAVALCANTI, a tensão entre a DAR e a IEAB aumentou:

Enquanto isso, o Bispo Diocesano do Recife, a convite de pais e avós de confirmandos de quatro Paróquias e uma Missão da Diocese de Ohio, EUA, juntou-se a um grupo de Bispos Aposentados daquele país para realizar uma cerimônia pública e coletiva de Confirmação de 111 pessoas, no recinto do auditório da Igreja Ortodoxa Romena, na cidade de Akkron, em virtude daquelas famílias não aceitarem a confirmação pelas mãos do Bispo Diocesano local, que havia votado favoravelmente e participado da Sagração do Bispo Gene Robinson.(CAVALCANTI, s/d)

Esta atitude aparentemente simples e aceitável foi extremamente desafiadora e rebelde, já que a Comunhão Anglicana adota um conceito de jurisdição geográfica, no qual cada bispo tem sua área de atuação (diocese), podendo atuar em outras áreas da Província com consentimento dos bispos diocesanos locais e fora da Província apenas com a ciência do Primaz de sua Província de origem e da Província que está visitando.

A situação se agravou quando

Os Bispos Diocesanos de São Paulo e Curitiba, mais dois clérigos e dois leigos “opinionistas” da DAR entram com um pedido de abertura de Processo Disciplinar contra o Bispo Diocesano da DAR, pleno de erros formais, com vagas e genéricas acusações, carentes de provas. A tática da Província e da “dissidência interna” do DAR era promover atos ilegais que fossem asfixiando a nossa autonomia, e, se reagíssemos, seríamos acusados de “rebeldia” e de “descumprimento dos votos de Ordenação”, o que seria pretexto para novas investidas ilegais. A cada ataque, a liderança diocesana se reunia, protestava e reafirmava suas convicções.(CAVALCANTI, s/d).

Este processo acabou com a suspensão de ordem e deposição de Robinson Cavalcanti do ministério da IEAB e, juntamente com trinta e dois clérigos, saiu da Comunhão Anglicana, tendo, porém, o apoio pastoral pessoal do Primaz da Igreja Anglicana do Cone Sul da América, Gregory Vernables.

Esta nova ruptura é descrita nos seguintes termos no sitio da DAR-IEAB:

Em 2005, um número expressivo de clérigos continuou mantendo plena comunhão e obediência ao bispo deposto, suspendendo o seu relacionamento com o “estamento de poder que dirige a IEAB”, numa clara demonstração de abandono da doutrina, do culto e da disciplina da Igreja. Deixaram a Igreja 32 clérigos e suas respectivas comunidades. (s/d).

Realmente, podemos perceber uma liderança carismática que exerceu Robinson Cavalcanti sobre a maior parte dos clérigos da DAR. Já a intervenção de

um primaz de outra Província gerou profundo mal estar na IEAB, mesmo porque se repetiu a apropriação dos templos (paróquias da IEAB) por parte do grupo liderado por Robinson Cavalcanti.

A sucessão episcopal diocesana no DAR ocorreu da seguinte forma(s/d):

Durante este período, D. Filadelfo Oliveira assume interinamente como Autoridade Eclesiástica da Diocese Anglicana do Recife, nomeado pelo Bispo Primaz. São ordenados 8 diáconos. Surgem os pontos Missionários: Cristo o Bom Pastor, Jesus de Nazaré, Monte Sinai, São Francisco de Assis, numa demonstração de superação da crise existente. Durante a assembléia sinodal acontecida na cidade de Curitiba em 2006, foi eleito D. Sebastião Armando Gameleira Soares, Bispo Diocesano, que em 11 de outubro é instalado em sua cátedra em celebração festiva, trazendo esperança para o futuro do anglicanismo no nordeste. Permanecendo junto a ele na Diocese, D. Filadelfo Oliveira Neto.

Com esta nomeação passou a coexistir no Nordeste, supostamente duas Dioceses uma ligada a IEAB e a outra ligada ao bispo deposto. Contudo, na Conferência de Lambeth de 2008, somente os bispos da IEAB foram convocados pelo Arcebispo de Cantuária Rowan Williams, sendo que Robinson Cavalcanti participou de evento de Dissidentes Anglicanos em Jerusalém.

Segundo FERMER (2008, p.14):

[...] O caso da IEAB contra o bispo Robinson Cavalcanti. Conforme o ponto de vista da IEAB este caso foi primeiramente uma "preocupação interna", para utilizar a linguagem do Relatório Windsor e um exercício da autonomia legítima da IEAB: Robinson foi processado pelo supremo tribunal eclesiástico da IEAB e o veredicto foi que o bispo tinha transgredido leis canônicas da IEAB tendo perdido sua jurisdição episcopal. Porém, o bispo Robinson aproveitou a situação política da Comunhão Anglicana para apelar às forças conservadoras, alegando ter sido vítima de perseguição contra os evangélicos e que somente ele estava sustentando a posição oficial da Comunhão Anglicana. Assim ele conseguiu transformar um assunto interno da IEAB em parte de uma disputa maior dentro da Comunhão, com algumas Províncias reconhecendo sua autoridade episcopal.

Realmente a questão contra o bispo Robinson tomou uma dimensão interna bem maior do que o cisma de Paulo Garcia, devido ao fato das articulações internacionais dos evangélicos e dos conservadores dentro da Comunhão Anglicana e não fora da Comunhão como no Movimento de Convergência, do qual faz parte a Igreja Episcopal Carismática. O contexto internacional vivido pela Comunhão Anglicana levou essa crise a ter tal repercussão, já que Robinson Cavalcanti assumiu postura conservadora na Conferência de Lambeth em 1998.

O então Primaz da IEAB, Dom Orlando Oliveira, assim se expressou em seu relatório pastoral sobre o que chamo Grande Cisma do Recife:

Parece-me ter ficado bem claro a todos os fatos referentes ao ocorrido em Recife; foram acontecimentos que precederam Mineapólis e a eleição de bispo Gene Robinson, o que somente desencadeou e fez recrudescer o que já vinha ocorrendo na DAR. Não se tratou, como se tem sido propalado, de uma "guerra santa entre evangélicos e liberais"; este tratamento é ofensivo à nossa inteligência e à verdade dos fatos. A acusação de perseguição a "evangélicos" e "ortodoxos" é uma versão que foi ardilosamente construída e alimentada pelo bispo deposto, com o apoio de instâncias dentro e paralelas à Comunhão. (OLIVEIRA, s/d)

De fato, para expressivos segmentos cristãos, especialmente no meio protestante, a versão que se conhece é a do bispo Robinson Cavalcanti, que tem espaço em várias denominações e na mídia evangélica, como por exemplo a *Revista Interdenominacional Ultimato*, que circula em todo país entre membros de todas as igrejas evangélicas e parte do catolicismo romano e do espiritismo. A referência a cidade de Mineápolis é pelo fato de que nesta cidade se reúne o Sínodo da Igreja Episcopal, que desde 1979 aprovou resolução afirmando que não vê obstáculo à ordenação de homossexuais cuja vida seja exemplar. (CAVALCANTI-2007, p.126).

Realmente os evangélicos anglicanos não estão apenas no Nordeste e nem só de evangélicos era formado a Diocese Anglicana do Recife. Além de carismáticos, o clero era composto de pessoas oriundas da Igreja Católica Romana ligadas à Teologia da Libertação, como vemos no seguinte depoimento do Reverendo Fábio Vasconcelos:

É totalmente falsa a afirmação de que a única diocese onde se encontram os evangelicais anglicanos brasileiros em plena atividade missionária é a Diocese do Recife, e que no resto do Brasil todos são liberais e revisionistas [...] bispos brasileiros sabem disso, clérigos brasileiros sabem disso, e não querem livrar-se de nós. Somos evangelicais respeitados pelo clero e pelo povo que pastoreamos; e o Bispo Cavalcanti sempre soube disto. (VASCONCELOS, s/d)

De fato, não se pode negar a existência de evangélicos em todas as dioceses anglicanas do mundo, mesmo naquelas em que os evangélicos são minoria. Ihe é garantido os mesmos direitos devido à inclusividade típica do anglicanismo. A questão de Robinson foi muito mais uma questão messiânica e personalista do que teológica. Uma ruptura de comunhão com os bispos e com a Província que era taxada sistematicamente de liberal, revisionista e conivente com

os EUA devido a recursos financeiros que recebe através de parcerias e companheirismos entre diocese brasileira e estadunidense.

FÁBIO dá um bom indício de uma das causas da fragmentação do protestantismo:

Clodovis Boff (teólogo católico), brincando um pouco conosco, diz que somos fragmentados dessa forma porque nossa herança protestante concentrou-se na ênfase da verdade e, em função disso, a gente vai se esfacelando. Entretanto, a Igreja Católica é inclusivista. É uma "igreja-galinha", disse ele. Ela abre os braços e chama todos os pintainhos, até de cores diferentes, para debaixo de si, porque historicamente falando, a sua ênfase está na unidade [...] E como a cabeça do protestante está centrada na verdade, tudo aquilo que não for exatamente de acordo com sua cartilha teológica, necessário é que se faça expurgo. (FÁBIO, 1195, p. 29-30)

Fazendo uma pertinência desta colocação com o Anglicanismo, poderíamos dizer que os liberais e anglo-católicos querem a unidade da Igreja, apesar de que, por motivos diferentes, protestantes e carismáticos não aceitam a convivência com aqueles que pensam diferente.

Veja como esta posição é clara na declaração de CAVALCANTI (2007, p.114):

Nenhuma corrente ou personalidade do anglicanismo deseja o fim da Comunhão ou cisma, mas as convicções profundas e a consciência não lhes permitiram conviver institucionalmente dentro de uma jurisdição (província ou diocese) cuja "opinião" oficial seja contrária à Resolução 1.10 da Conferência de Lambeth (que considera a homossexualidade incompatível com as Escrituras)".

A questão é que, apesar de na IEAB temos homossexuais assumidos no clero, não existe uma posição oficial contrária a resolução da Conferência de Lambeth sobre a sexualidade humana Seção 1, sub-seção 10. Sabemos que em todas as igrejas há homossexuais no clero. Apenas isto não é público, nem aceito como legítimo e aprovado moralmente.

No processo de deposição de Robinson Cavalcanti do ministério da IEAB³⁷, ao que tudo indica, consta acusações teológicas ou morais que o réu tanto alega, mas questões de desrespeito aos cânones e quebra de comunhão com os demais bispos brasileiros. O fato lamentável em todo este processo, além da difamação e exposição de pessoas que estavam no meio desse fogo cruzado da DAR e a IEAB,

³⁷ O processo só está disponível na sede da IEAB em Porto Alegre-RS, mas pelas indicações do relatório da comissão especial que estudou o caso e o decreto de deposição do Primaz podemos inferir tal situação.

são os processos judiciais que, assim como no caso de Paulo Garcia, envergonham o Anglicanismo brasileiro.

O Bispo Orlando assim se expressou sobre o processo que levou a deposição de Robinson:

Os fatos acontecidos no DAR são matérias de tratamento disciplinar e canônico, de alguém que desrespeitou as Leis Eclesiásticas (Cânones) da Igreja, na qual as pessoas legalmente constituídas zelam pelas mesmas e pela comunhão e unidade da IEAB. O bispo deposto, Robinson Cavalcanti, foi afastado do ministério ordenado da Igreja, não por um ato sumário do Primaz, mas após um longo processo canônico e trabalho de uma Comissão de Investigação dos fatos; foi condenado pelo Tribunal Superior Eclesiástico, constituído de três bispos canonicamente eleitos pelo Sínodo provincial, e referendado unanimemente pela Câmara dos Bispos. Em nenhum momento do processo o acusado, usando do direito de defesa, contestou o conteúdo das denúncias a ele imputadas, mas, sim, ateu-se a discorrer, segundo ele, sobre problemas formais do processo. (ORLANDO, s/d)

Em 2007, após todos os acontecimentos e polêmicas sobre a sexualidade humana na Província, os bispos da IEAB lançaram uma segunda carta pastoral que reafirma a primeira e acrescenta:

Faz parte da tradição em nossa Comunhão o respeito às diferenças de opinião em relação a questões que não são essenciais ao princípio da Revelação divina. Este princípio diz que "Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo". Tudo que a Bíblia diz que não se refira à essência desta Revelação é secundário, ou seja, faz parte da cultura e dos costumes daqueles que foram instrumentos de Deus para a redação dos textos escriturísticos. (s/d)

No texto acima, fica claro que a sexualidade, segundo a concepção de essencial e secundário, não é material essencial, ou seja, está ligado ou entrelaçado com a cultura do povo em que foi escrito. Já para os conservadores, a ética ou moral sexual é parte essencial da revelação divina. CAVALCANTI (2007, p.99), diz:

Se em uma época o teste consistia em colocar ou não incenso diante do busto do imperador romano e dizer: César é o Senhor ou Cristo é o Senhor, nos dias de hoje saber-se-á o bom calibre do cristão se ele afirmar: A prática do homossexualismo é uma abominação.

Veja a tamanha importância que o autor dá a sexualidade comparando-a com a Cristologia. Acredito que, neste caso, há uma inversão entre o accidental e o essencial, pois a sexualidade não deveria ser o critério para suposta averiguação de fidelidade ao evangelho.

Sabemos, contudo, que a situação da Comunhão Anglicana é dinâmica, e suas estruturas ainda estão em construção. Por isso, não podemos saber, nem muito menos prever o futuro da IEAB e da Diocese Anglicana do Recife, liderada por Dom Sebastião Armando Gameleira nem da Diocese do Recife sob a autoridade do Primaz do Cone Sul da América, liderada por Robinson Cavalcanti. A História do Anglicanismo tem sido pródiga na demonstração de rupturas e reconciliações. Sabemos que está ocorrendo mudanças nas estruturas administrativas da Comunhão Anglicana e não é impossível temos uma reconciliação entre as partes do conflito exposto nesse último capítulo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jamais poderia dizer que essa parte da pesquisa é a conclusão, pois os meus objetos de estudo (A Comunhão Anglicana e a DAR/IEAB) são dinâmicos e vivos, já que as instituições são formadas por serem humanos em constante transformação. A expressão “considerações finais” só se justifica devido à limitação cronológica e espacial a qual estou submetido enquanto aluno vinculado a uma instituição de ensino, pois de fato estas são minhas considerações parciais ou atuais sobre a temática, pois não pretendo enunciar sentenças absolutas nem discursos finalistas.

Contudo, diante de nossa pesquisa bibliográfica, no sentido mais amplo do termo, tenho a impressão de que a Igreja Anglicana no seu início histórico, separada da Igreja Católica Romana no século XVI, já nasceu plural; e mesmo dentro de uma modernidade que a impelia para uma uniformidade teológica, eclesiológica e litúrgica, que ela procurou desenvolver com o *Livro de Oração Comum* (LOC), Atos de Supremacia reais e com os 39 Artigos de Religião, não escondia dentro de si a divisão e às vezes hostilidades entre a Igreja Alta (Católica) e Igreja Baixa (Protestante).

O Anglicanismo não possuía um Magistério Eclesiástico dirigido pelo Papa como a Igreja Católica Romana nem um teólogo que fosse chave hermenêutica como o Luteranismo e o Calvinismo. Isso acabava ainda que de forma não intencional, permitindo uma maior liberdade de pensamento, que irritava profundamente os puritanos em sua busca pela ortodoxia.

Com a formação da Comunhão Anglicana, a liberdade de tipo Via Média que viria a ser um “ethos do anglicanismo” ampliou-se ainda mais já que rompia as fronteiras culturais da Grã-Bretanha, ainda que sob a tutela do Imperialismo.

A descolonização (ou processo de emancipação das antigas colônias Britânicas na África e na Oceania) teve repercussões religiosas, já que as antigas igrejas anglicanas criadas nessas regiões passaram a contestar certas diretrizes teológicas e litúrgicas oriundas da Europa e depois dos EUA. Eles buscaram sua autodeterminação, assimilando elementos culturais próprios como a poligamia e uma liturgia dançante dentro da espacialidade circular tão cara: as origens tribais.

A influência do Islamismo e a aceitação de uma ortodoxia teológica levam as Igrejas do chamado Sul Global a rejeitarem a ordenação de homossexuais não castos e bênção matrimonial de pessoas do mesmo sexo. Outro aspecto por demais controvertido é a questão da emancipação religiosa das mulheres que já ocupam postos de comando na vida civil, militar e religiosa na América e na Europa, o que é incomum na África.

Já boa parte dos EUA, do Canadá e da Inglaterra assume uma posição mais afinada com o liberalismo teológico que, além de uma leitura racionalista das fontes sagradas (Escrituras e Tradição), abraçam um relativismo moral, advogando a posição segundo a qual as questões da vida privada não podem ser alvos de julgamentos pré-estabelecidos por uma coletividade, seja a sociedade, seja a Igreja.

Entendemos que a Comunhão Anglicana não estava preparada para os desafios éticos e morais que uma igreja multipolarizada tem que enfrentar nesses tempos de globalização. O famoso acordo de cavaleiros, bem típicos dos lordes da Inglaterra, já não funciona mais em se tratando de disputa por hegemonia e poder.

Os chamados Instrumentos de Unidade da Comunhão Anglicana: Arcebispo de Cantuária, Encontro de Primazes, Conferência de Lambeth e Conselho Consultivo Anglicano não mais respondem às necessidades e são abertamente desrespeitados pelas Províncias em várias partes do mundo.

Diante desses desafios peremptórios, surge a proposta do Pacto Anglicano como tentativa jurídico – eclesiológica de criar outros mecanismos de controle na Comunhão Anglicana a partir da adoção de uma tríplice moratória: nas ordenação de homossexuais não celibatários, nas bênções matrimoniais de pessoas do mesmo sexo e nas invasões de bispos em jurisdições de outros bispos.

Além do mais, no dia vinte de outubro de 2009, o Papa Bento XVI surpreendeu o mundo religioso cristão ao anunciar a criação de uma Constituição Apostólica para receber os anglicanos descontentes com as decisões de algumas

Províncias no campo da sexualidade humana e da ordenação de mulheres bispos. O documento (*Anglicanorum coetibus*) já foi publicado, mas foi bem recebido pelo Arcebispo de Cantuária, Rowan Williams, e contestado pelos setores protestantes e liberais do anglicanismo.

Por fim, só sabemos que o Anglicanismo, independente do rumo que venha a tomar, ou aceitando de vez a pós-modernidade e a pluralidade ampla dentro de um particularismo bem típico do Protestantismo, ou limitando o pluralismo teológico a questões secundárias (e de certa forma fazendo as pazes com a modernidade) ou buscando, na autoridade papal, o instrumento para garantir a unidade anglicana, tem uma contribuição a dar ao nosso cenário religioso cristão, tão carente de maturidade, sanidade e unidade cristã.

Muitas outras pesquisas devem ainda continuar essa análise por mim iniciada. Elas poderão fazer uma análise mais aprofundada sobre a questão hermenêutica, comparando várias interpretações tradicionais com as mais recentes do campo da Teologia. Será importante também o desenvolvimento de entrevistas com os atores sociais envolvidos nas disputas eclesiais e uma comparação sócio-teológica entre a crise do Anglicanismo com a crise do Catolicismo Romano, Catolicismo Ortodoxo, Luteranismo, Presbiterianismo, Metodismo, Movimento Batista e do Pentecostalismo entre outros movimentos cristãos, além de uma análise do Pacto Anglicano e da Constituição Apostólica *Anglicanorum coetibus* que ainda não se tornaram efetivas dentro e fora da Comunhão Anglicana.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. **Anglicanismo: identidade, relevância, desafios.** Recife: Ed. do autor, 2009.

_____. **Igreja- multidão madura.** Maceió: Secretaria diocesana de educação da Diocese Anglicana do Recife, 2001.

_____. **LA GLOBALIZACIÓN Y SUS IMPLICACIONES EM AMÉRICA LATINA: UM DESAFÍO PARA LA IGLESIA EPISCOPAL ANGLICANA.** Congresso de Teologia. Panamá, 2005.

_____. **Libertação e Sexualidade.** São Paulo: Temática Publicações, 2004.

_____. **Resgatando Nossa História V.** Publicado em 18 de Setembro de 2009 Disponível em: <http://www.dar.org.br/biblioteca/66-historia-dos-30-anos-da-diocese/501-resgatando-nossa-historia-v.html>. Acessado: em 07/01/08.

_____. **Sociologia do Anglicanismo.** Recife: Ed. do autor, 2008.

_____. **Uma bênção chamada sexo.** São Paulo, ABU, 1987.

_____. **A IGREJA EPISCOPAL NO PAÍS DO FUTURO.** Porto Alegre: Publicadora Ecclesia, 1960.

_____. **Reforçando as trincheiras: análise da problemática do homossexualismo à luz do cristianismo histórico.** São Paulo: Editora Vida, 2007.

ANDRADE, Sergio. **PATIENCE HAS LIMITS. MINE HAS BEEN REACHED!** Disponível em: <http://dar.ieab.org.br/wp-content/uploads/2008/11/003-patience-has-limits-revmo-sergio-andrade.pdf>. Acessado em 20/12/08. (tradução própria)

AQUINO, Jorge. **Anglicanismo: uma introdução.** Recife: Perfil gráfica, 2000, p. 29.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 30.

CAVALCANTI, Robinson. **HISTÓRIA DA DIOCESE ANGLICANA DO RECIFE segundo a IEAB.** Disponível em: <http://dar.ieab.org.br/wp->

content/uploads/2009/04/Historia-da-Diocese-Anglicana-do-Recife.pdf. Acessado em 02/02/09.

CAVALNI, Carlos Eduardo. **Da modernidade à pós-modernidade: a inclusividade e a reatualização do mito na Comunhão Anglicana**. Disponível em: http://www.ieab.org.br/documentos/c_past_97.pdf. Acessado em: 10/01/09.

COMBY, Jean. **Para ler a História da Igreja II**. São Paulo: Loyola, 1994. Disponível em http://www.ieab.org.br/documentos/refl_abc_jun06.pdf acessado em 25/11/09.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1976.

FÁBIO, Caio. **Edificando igrejas saudáveis**. São Paulo: editora Sepal, 1995, p.29-30.

FERMER, Richard M. **Aliança, Pacto e Comunhão. Uma reflexão sobre a proposta de um "Pacto Anglicano"**. Disponível em: http://www.centroestudosanglicanos.com.br/rev/15/alianca_pacto_comunhao.pdf.

FILHO, Luiz Carlos Teixeira Coelho. **Comunhão Anglicana. Ainda vale à pena?** Disponível em: http://www.centroestudosanglicanos.com.br/rev/15/da_modernidade_a_pos_modernidade.pdf.

FOCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

GAMELEIRA, Sebastião A. **ANGLICANISMO: CATÓLICO OU PROTESTANTE?** Disponível em: <http://www.dasp.org.br/codigos/iaet/apostilas/Apostila%20anglicanismo.doc>.

GIANNI, Vattimo. **Depois da Cristandade**. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 12.

GRENZ, Stanley J. **Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 13. Disponível em: http://www.centroestudosanglicanos.com.br/rev/15/comunhao_anglicana_ainda_vale_a_pena.pdf

IGREJA Episcopal Anglicana do Brasil. **Sexualidade Humana. Carta Pastoral dos Bispos da IEAB – 1997**. Disponível em: http://www.ieab.org.br/documentos/c_past_97.pdf. Acessado em: 10/01/09.

IGREJA Episcopal Anglicana do Brasil. **Sexualidade Humana. Carta Pastoral dos Bispos da IEAB – 1997**.

JASON, Boffeti. **A fé de um ateu: religiosidade pós-moderna de Rorty**. In: MARASCHIN, Jaci; PIRES, Frederico Pieper (Org.) **Teologia e Pós-modernidade**:

ensaios de teologia e filosofia da religião. São Paulo: Fonte editorial, 2008, p. 233.

KICKHÖFEL, Oswaldo. Notas para uma história da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Porto Alegre: Metrópole, 1995.

LACOSTE, Jean Yves. Dicionário Crítico de Teologia. São Paulo: Paulinas/Loyola: 2004.

MARASCHIN, Jaci. O bispo Robinson entre a modernidade e a pós modernidade. Disponível em:
http://www.centroestudosanglicanos.com.br/bancodetextos/anglicanismo/o_bispo_robinson_entre_a_modernidade.pdf, acessado em 15/11/09.

MATOS, Henrique Cristiano José. Caminhando pela História da Igreja. Belo Horizonte: Editora o lutador, 1995.

MAY, Roy H. Discernimento moral: uma introdução à ética cristã. São Paulo: Sinodal/EST, 2008, p. 19.

MCGRATH, Alister E. Teologia - Sistemática, Histórica e Filosófica. 1ª ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p. 151.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. introdução ao protestantismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1990.

MORGAN, Barry. PRONUNCIAMENTO DO REVERENDÍSSIMO DR. BARRY MORGAN AO SÍNODO DA IGREJA NO PAÍS DE GALES. Porto Alegre, 07 de outubro de 2003. Tradução da Professora Vera Lúcia. Coordenadora Acadêmica do

SETEK. Disponível em: <www.dasp.org.br/codigos/artigos/carta_pastoral_gales.htm> acesso em 08/01/09.

MOSER, Antônio. Teologia moral- questões vitais. São Paulo: Vozes, 2004.

NAVARRO, Juan Bosch. Para compreender o ecumenismo. São Paulo: Loyola, 1995.

NEVES, Jubal. Carta Pastoral do Bispo da Diocese Anglicana Sul-Occidental. Disponível em: <http://www.swbrazil.anglican.org/CartaPast022003.htm>. Acessado em 15/08/03

O'BRIEN, Dennis. Reservas sobre casamento gay. In : **Homossexualidade: perspectivas cristãs.** Tradução de Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. Acompanhamento de vocações homossexuais. São Paulo: Paulus, 2007, p. 11.

- PETER, AKINOLA. **Anglicanos conservadores rompem com ala liberal por causa da ordenação de gays**. Disponível em:
http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=15002, acessado em 30/11/09.
- PIERRARD, Pierre. **História da Igreja**. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.
- REGA, Stelio Lourenço. **Libertação e sexualidade: uma análise**. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1991.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 77.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-modernismo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- SILVA, N. D. **A Igreja Militante**. Porto Alegre: Publicadora Eclésia, 1951.
- SOARES, Aldenor Alves. **Teologia do Anglicanismo**. Recife: Ed. do autor, 2003, p.103.
- SPONG, John Shelby. **Um novo Cristianismo para um novo mundo: a fé além dos dogmas**. Campinas: Verus Editora, 2006.
- STANILAS, Breton. **O futuro do Cristianismo**. São Paulo: Paulinas, 2006
- TEIXEIRA, Faustino. **Sociologia da Religião**. Petrópolis: Vozes, 2003.
 Texto traduzido pela Prof^a. Vera Lucia Simões de Oliveira
- VERNABLES, Gregory. **Anglicanos ortodoxos se posicionam contra os liberais sem provocar cisma**. Disponível em:
http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=23810, acessado em 26/11/09.
- WEBER, Max. **Economia e Sociedade. Fundamentos da Sociologia Compreensiva**. Brasília, DF: Ed. Universidade Nacional de Brasília-UNB: 1999, p. 09.
- WILLIAM, Rowan. **O desafio e a esperança de ser anglicano hoje**. Tradução Reverendo Mario Ribas.
- WILLIAM, Rowan. **O desafio e a esperança de ser anglicano hoje**. Tradução: Reverendo Mario Ribas. Disponível em:
http://www.ieab.org.br/documentos/refl_abc_jun06.pdf, acessado em 25/11/09.

APÊNDICE

FOTOS



Figura 1: Arcebispo de Cantuária Sua Graça Dr. Rowan Williams com Sua Santidade, o Papa Bento XVI



Figura 2: Bispas anglicanas em manifestação na Inglaterra e primeiro bispo homossexual não celibatário da Igreja Anglicana dos EUA(Gene Robinson)



Figura 3: Encontro do Bispo Primaz da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Dom Mauricio, com o Arcebispo de Cantuária e o bispo diocesano do Recife, Dom Sebastião Armando Gameleira



Figura 4: Bispo Robinson Cavalcanti (Ex-bispo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil e da Diocese Anglicana do Recife. Atualmente é considerado bispo pela Diocese do Recife ligada à Igreja Anglicana do Cone Sul da América)



Figura 5: Reverendo Paulo Garcia (Ex-Deão da Catedral Anglicana da Santíssima Trindade da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil em Recife e atual Arcebispo da Igreja Episcopal Carismática do Brasil)



**Figura 6: Katharine Jefferts-Schori (EUA) e Nerva Cot Aguilera (Cuba)
 Primeira primaz mulher e primeira bispa latino-americana**



**Figura 7: Foto dos bispos e bispas anglicanos reunidos na
 Conferência de Lambeth 2008.**

LISTA DE SIGLAS

CA- Comunhão Anglicana

CAR- Catedral Anglicana do Recife

CCA- Conselho Consultivo Anglicano

CL – Conferência de Lambeth

DAR- Diocese Anglicana do Recife

GAFCON- Conferência Global para o Futuro do Anglicanismo

IEAB- Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

LOC- Livro de Oração Comum

QL- Quadrilátero de Lambeth

RP- Reunião dos Primazes

TNAR- Trinta e Nove Artigos de Religião

TEC- A Igreja Episcopal(EUA)